

TRATADO
DOS DOUS
PRECEITOS DA CARIDADE
E DOS
DEZ MANDAMENTOS DA LEI DE DEOS

POR
S. THOMAZ DE AQUINO

Traduzido pelo D.^o BRAZ FLORENTINO HENRIQUES DE SOUZA



RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65, *Rua do Ouvidor*, 65

PARIS : E. BELHATTE | PORTO Ernesto CHARDRON

1876



AO LEITOR

• Non erubescō Evangelium •

Em 1856 uma idea piedosa surgiu como por encanto entre os alumnos da Faculdade d'esta cidade. Amparada pelos respectivos Lentes, essa idea teve em breve de realizar-se, e com a sua realisação appareceo a Irmandade de Nossa Senhora do bom Conselho, destinada a prestar culto á Santissima Virgem Maria sob

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

aquella invocação, e que hoje felizmente conta dous annos de existencia.

Congratulando-me então com os jovens academicos com a criação de nossa piedosa confraria, julguei descobrir nella, senão uma prova, ao menos um symptôma do grande trabalho religioso que se opera no mundo no sentido do catholicismo, e que deve levantar os povos abatidos pelos excessos e pelas loucuras da impiedade; — julguei descobrir particularmente para o Brazil, para este vasto imperio da Santa-Cruz, o presagio de dias muito mais proximos e felizes. E Deos queira que nos não tenhamos enganado. O culto da Virgem Maria sahido das entranhas mesmo do Christianismo, será sempre o penhor e a garantia mais seguros

do reinado de Jesus Christo sobre a terra.
Oxalá que jamais o abandonemos!

A vista do exposto, he claro que parti-
lho francamente as *illusões* d'aquelles que
estão persuadidos como o Rei propheta
de que : « Se o Senhor não guardar a ci-
dade debalde vigiarão os que a defendem ;
e sendo assim, já não será de admirar que
tivesse como dever imperioso para todos os
filhos da Igreja Catholica e para todos os
cidadãos amantes da nossa patria, a quem
Deos houver liberalisado algum dos dotes
da intelligencia, o servir a causa da Reli-
gião, auxiliando pela palavra e pela penna
o movimento saudavel que conduz os ho-
mens á unidade de crenças e de costumes
e por este meio ao unico porto da sal-
vação.

Não me sendo porem licito aspirar ás honras de uma producção original de algum valor em assumpto tão delicado e momentoso, limito-me por ora a traduzir e offerecer ao publico, com especialidade aos nossos carissimos Irmãos de Bom Conselho, não um panegyrico da Religião Christãa, ou um quadro das maravilhas por ella operadas no mundo em prol da verdadeira civilisação ; mas simplesmente o Tratado dos Dois Preceitos da Caridade e dos Dez Mandamentos da Lei — por S. Thomaz de Aquino, e dar-me-hei por feliz se for lido e apreciado como merece.

Propagar por todos os modos possiveis a moral evangelica, ou nas escolas ou fóra d'ellas, trabalhar por incutir nas almas o duplo principio do amor de Deos

e do amor dos homens, sobre que toda essa moral he fundada, sempre me pareceo o negocio mais importante dos Estados, — o elemento primario e indispensavel da civilisação dos povos. Sem condemnar os esforços que se fazem para augmentar a riqueza publica, e com ella o bem estar material, porque segundo a bella expressão de um estimavel author, « a prosperidade das nações sobe como hymno festivo para Deos, de quem procede toda a magnificencia, » não podemos comtudo admittir que os primeiros, senão todos os cuidados, sejam concedidos aos progressos da industria, esquecendo-se o fim sublime do homem, e não se advertindo mesmo que todas as riquezas, e todos os gozos materiaes serão insufficientes para firmar a ordem e a tranquillidade publica, se com

mais véras não se trabalhar por tornar os *ricos e abastados* mais benevolos e mais submissos.

Um dos resultados immediatos dessa moral divina, e que não devo passar aqui em silêncio, seria estabelecer e vulgarisar a doutrina dos *deveres*, como o contrapeso e correctivo saudavel da doutrina dos *direitos*; que se ensina nas escolas superiores, e tem tanta voga na politica. Em verdade eu não descubro nada mais funesto do que o ensino (theorico ou pratico) da ultima d'estas duas doutrinas, sem o previo estabelecimento da outra que lhe deve servir de base.

As leis civis proclamão que tudo quanto não he expressamente prohibido, consi-

dera-se como permittido; mas como ellas não abrangem debaixo de suas formas genericas senão um pequeno numero de acções, d'ahi resulta que a fragilidade humana tem vasto campo para as suas *livres* excursões, e o que mais he, *magnifico* principio de justificação para as quedas mais vergonhosas; estou no meo direito, » tal he a resposta insolente que a cada passo se encontra na boeca d'aquelles a quem a consciencia accusa de terem faltado aos seos deveres, e que não descobrem outra justificação aos seos actos. Por outro lado, como os direitos muitas vezes se não podem sustentar facilmente, havendo até perigo em defendel-os, segundo a posição mais ou menos elevada do violador, d'ahi vem que o egoismo e a cobardia achão sempre boa conta em fazer abandonar os

impulsos mais nobres do coração humano, e aconselhar a composição com os adversarios poderosos, com aquelles mesmo para cuja destruição todos devem concorrer. E o que abre a porta a este procedimento, o que o legitima aos olhos de muitos, he a maxima corrente e bem conhecida, segundo a qual « todos podem licitamente renunciar aos seus direitos. »

Os coripheus da moderna escola de direito julgão escapar ás consequencias d'esta ordem, creando uma classe de direitos *inalienaveis*. Mas isto não passa de uma subtileza pouco sustentavel. Não ha direitos que por si mesmos sejam inalienaveis. Esse character só lhes pode vir do *dever*, que com elle se mistura, e lhe serve de fundamento. Todo o direito he uma van-

tagem que se pode renunciar. Si o dever prende e obriga o homem.

Na ordem politica porém, o character mais saliente da doutrina dos direitos, tal pelo menos como os factos o estabelecem, he a violencia, ella exalta as cabeças fracas, e torna os homens arrogantes, pretenciosos e turbulentos. Por isso dizia com razão o sabio author da *Legislação primitiva* «que a revolução franceza tinha começado pela *declaração dos direitos* do homem, e que só havia de acabar pela declaração dos direitos de Deos. » Ora, os direitos de Deos são os deveres dos homens, e o unico meio de estabelecer e vulgarisar em todas as classes da sociedade a *doutrina completa* dos deveres, e prevenir com ella as desordens e as revoluções, he a propagação da

moral evangelica, d'essa moral *nascida do amor de um Deos de paz para com os homens.*

Eis ahi em poucas palavras os motivos que me levarão na escolha da pequena obra que traduzi, e onde o leitor encontrará a exposição a mais bella e sublime dos grandes principios do amor de Deos e do amor dos homens, o commentario mais completo, o mais claro e o mais philosophico aos preceitos do Decalogo, de que temos conhecimento.

Bem sei que para ser christão não basta conhecer e praticar a moral do Evangelho, mas he preciso ainda acreditar nos dogmas e seguir o culto da Religião divina. Estou mesmo intimamente convencido

de que os dogmas e o culto são, como se tem dito, os dous esteios solidos e necesarios da moral, e que he sobre tudo pela união de seos dogmas com a sua moral, que o Christianismo tem gerado todos esses prodigios e maravilhas que assombrão o universo. Mas tal he o mechanismo da Religião divina, que todas as suas partes se ligão e se attrahem irresistivelmente, e pode-se com segurança trabalhar no augmento de uma sem que as outras sofram. Entretanto a moral do Decalogo e do Evangelho, parece-me em todo o caso o preludio o mais feliz para o ensino da fé catholica, que não pode ter maiores inimigos do que a *perversidade* do coração e o desregramento da vida. Seria da minha parte temeridade se quizesse emprender o elogio do author que escolhi. Quem

haverá que desconheça o grande e venera-
ral nome de S. Thomaz de Aquino? Qual
o christão que não tenha alguma idea d'esse
genio assombroso, que o testemunho dos
seculos tem immortalisado com epithetos
de *Anjo da escola e de Doutor angelico*?
Qual o homem de algumas lettras que não
tenha hoje noticia do seo vasto saber, e
erudição nas cousas divinas e humanas,
depois que o moderno apostolo do catholi-
cismo (o immortal Ventura) se encarregou
de desenvolver e vulgarisar as suas dou-
trinas, armando-se d'ellas, como de pode-
rosa clava, para esmagar o *racionalismo*
europeo, restabelecer a verdadeira philo-
sophia e com ella os *direitos da Revela-
ção*? Se alguém houver que não esteja em
alguma d'estas hypotheses, a este talvez po-
derá talvez servir mais do que a ninguem

o Tratado dos Dous Preceitos da Caridade, e dos Dez Mandamentos da Lei, pequeno volume onde os mais doutos e esclarecidos tem encontrado verdadeiro *chefe d'obra*, em tudo digno do insigne theologo e profundo philosopho que produzio as duas *Summas*.

Quanto á traducção que fiz, só tenho duas palavras a dizer. Procurei antes de tudo ser claro e fiel ao pensamento do author. Se a despeito porém de toda a minha diligencia, alguma expressão me escapou menos conforme ao espirito da obra, e que S. Thomaz desapprovaria como contraria ao seo pensamento, e á doutrina catholica, eu desde já a désapprovo, retracto, submettendo, como submetto, todo o meo fraco trabalho ao juizo dos Pastores legi-

timos da Igreja, perante quem só me
animo a apparecer escudado na intenção
que me guiou.

Recife, 16 de Agosto de 1858.

D^or BRAZ FLORENTINO HENRIQUES DE SOUZA.

TRATADO

DOS DOUS

PRECEITOS DA CARIDADE

E DOS

DEZ MANDAMENTOS DA LEI

1. Tres cousas são necessarias ao homem para andar no caminho da salvação a sciencia da fé, a sciencia dos desejos, a sciencia das obras. D'estas tres sciencias, a primeira nos he ensinada no symbolo (que vulgarmente chamamos : Creio em Deos Padre), onde estão formulados todos os dogmas da nossa Religião ; a segunda na oração dominical (que he o Padre Nosso) a terceira na lei.

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

Vamos occupar-nos com a sciencia das obras. Quatro leis presidem ás nossas acções : a primeira he a lei natural, que não he outra cousa senão a consciencia, luz intellectual posta por Deos em nossa alma, e que nos mostra o que devemos fazer e o que devémos evitar. Esta luz intellectual, esta lei natural, Deos fez d'ella presente ao homem apenas creado. Entretanto não faltão individuos que julgão excusar suas culpas pretextando a ignorancia de seos deveres ; a esses he que convem applicar estas palavras do Rei propheta (Psal. 4) « Muitos dizem : quem nos ensinará o que he bem ? » Como se não soubessem o que devem fazer ! Porém o Rei propheta lhes responde n'estes termos : « Senhor, vós pozestes em nós a vossa luz. » Isto he, essa luz intellectual que nos esclarece sobre nossos deveres.

Ninguem pode ignorar por exemplo, que não deve fazer a outrem o que não quereria

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

que lhe fizessem ; e os outros preceitos da lei natural estão igualmente gravados na consciencia de todos. Esta lei, dizemos, foi dada ao homem no momento da criação ; mas o demonio submetteo a creatura de Deos a uma outra lei, á lei da concupiscencia. Em quanto o primeiro homem foi fiel ao seo Creador, observando os preceitos divinos, a carne obedeceo tambem ao espirito, e os sentidos permanecerão submissos á razão.

2. Mas, depois que o homem, cedendo ás perfidas insinuações de Satanaz, se revoltou contra Deos, os sentidos se revoltarão também contra a razão, e a carne contra o espirito. D'ahi vem que o homem, posto queira o bem que a razão lhe mostra, he arrastado ao mal pela concupiscencia. Esta luta de que he theatro a nossa alma, S. Paulo a descreveo em uma de suas Epistolas aos Romanos (Rom. 7) « Vejo, diz elle, em meos sentidos uma lei

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

que combate a lei de meo espirito. » Muitas vezes acontece que a lei da concupiscencia triumphava da lei natural, e que a carne sobrepuja o espirito ; por isso accrescenta o Apostolo : « essa lei funesta me escravisa ao peccado. » O homem, dominado pela lei da concupiscencia, mais forte para elle do que a lei natural, tinha portanto necessidade de ser desviado do mal e conduzido ao bem por uma lei nova. Satisfazer essa necessidade foi a missão da lei mosaica.

3. Observemos que ha dous motivos, que desviam o homem do mal e o conduzem ao bem, a saber, o temor e o amor. D'esses dous motivos o que primeiro obra sobre elle he o temor. O que o induz antes de tudo e, mais poderosamente a evitar o crime he o pensamento do inferno e das penas applicadas ao criminoso pelo soberano Juiz. Eis ahi porque diz o Ecclesiastes : « O temor do Senhor he o

principio da sabedoria ; » eis ahi porque elle diz ainda : (Ibid.) « O temor do Senhor desvia o peccado. » Sem duvida aquelle que se abstem de fazer o mal pelo temor do castigo, não he ainda virtuoso ; mas tem chegado ao ponto de partida da virtude. Assim a lei mosaica desviava o homem do mal e o conduzia ao bem pela ameaça e o temor. « Todo aquelle que violava um preceito d'essa lei severa, era morto sem piedade, em presença de duas ou tres testemunhas » como recorda S. Paulo aos Hebreos. (Heb. 10.) Mas o temor he um motivo insufficiente para desviar o homem do mal, e conduzi-lo ao bem ; a lei mosaica só sujeitava aos seus preceitos o homem physico, o homem espirital escapava ao seu poder. Era necessario pois á virtude um novo motivo, á moral uma nova lei ; esse motivo he o amor, essa lei he o Evangelho. Assim á lei do temor succede a lei do amor.

4. Mas convem notar que entre a lei do temor e a lei do amor existe triplice differença. — A primeira he que a lei do temor nos impõe obediencia servil, ao passo que a lei do amor nos pede uma submissão voluntaria e livre. Aquelle que obra pelo temor, obra como escravo ; mas aquelle cujas acções não tem outro motivo senão o amor, obra como homem livre, e a sua obediencia he toda filial. « Onde ha o espirito do Senhor, diz S. Paulo, (Corinth. 3) ahi ha liberdade. » Com effeito, graças ao amor, o homem obedece a Deos como um filho a seo Pai. — A segunda differença, he que a lei do temor promettia os bens temporaes áquelles que observassem seos preceitos, ao passo que a lei do amor promette os bens celestes como recompensa da virtude. Interprete da lei do temor, Isaías faz dizer assim o Senhor : (Esai. 1) « Se fordes submissos aos meos mandamentos e doceis á minha voz, gozareis dos bens da terra. » Au-

thor da lei do amor, Jesus Christo nos diz : (Math. 19) « Se quizerdes possuir a vida eterna observai os mandamentos de Deos. » Precursor de Jesus Christo, S. João exclama (Ibid. 3) « Fazei penitencia, porque o reino dos Ceos está proximo. » — A terceira differença he que a lei do temor he dura, ao passo que a lei do amor he cheia de doçura. S. Pedro diz, fallando dos preceitos mosaicos (Act. 15) « Porque procurais vós impôr-nos um jugo que nossos Pais não poderão supportar, e que nos opprimiria? » Jesus Christo diz, fallando da moral do Evangelho (Math. 11) « O meo jugo he suave e o meo peso leve. S. Paulo diz por sua vez : (Rom. 8) « Vós não recebestes como os Judeos, o espirito do temor que torna o homem escravo, mas o espirito de amor que faz o homem filho de Deos. »

5. Assim pois, eu o repito, quatro leis pre-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

sidem ás nossas acções a lei natural que Deos gravou no coração do homem ao creál-o ; a lei da concupiscencia, cujo author he o demonio ; a lei do temor promulgada por Moysés ; e a lei do amor trazida ao mundo por Jesus Christo. Mas he evidente que todos os homens não podem consagrar o seo tempo ao estudo da moral, e por isso he que Jesus Christo expoz os preceitos da lei do amor com brevidade e precisão, afim de que todos os homens estivessem ao alcance de conhecel-os, e não pudessem, violando-os, pretextar a ignorancia dos seos deveres. «A palavra do Senhor, diz S. Paulo, (Ibid. 9) echoará sobre a terra e todos a comprehenderão. » Mas he preciso notar que essa lei de amor deve ser a regra de todas as acções humanas. Nas artes nós chamamos bello o que he conforme ao typo da belleza ; do mesmo modo em moral, um acto he virtuoso quando está de acordo com a lei do amor ; todo o acto que se desvia d'essa re-

gra divina não pode ser bom nem justo. Se estudarmos agora os effeitos do amor divino sobre o homem, acharemos quatro principaes, que merecem toda a nossa admiração.

6. Primeiramente o amor divino dá ao homem a vida espiritual. O objecto amado existe no coração d'aquelle que ama : assim aquelle que ama a Deos, possui Deos em seu coração : « Todo aquelle que tem a caridade vive em Deos e Deos vive n'elle » diz S. Paulo (Joan. 4). O amor transforma ainda aquelle que ama, e o torna semelhante ao objecto amado. Se amamos um objecto vil e desprezível, tornamo-nos vis e desprezíveis como elle. Ouvi as palavras do propheta : « tornarão-se abominaveis como os objectos que amarão. (Ose. 1). Pelo contrario, se amamos a Deos, tornamo-nos homens divinos ; porque « aquelle que he unido a Deos recebe d'elle a vida espiritual. » (Cor. 4) « Ora, diz S. Agos-

tinho : da mesma maneira que a alma he a vida do corpo, assim Deos he a vida da alma.» O corpo he dotado de vida quando a alma habita n'elle e o faz obrar ; logo que a alma se aparta, o corpo fica immovel e não he mais que um cadaver : assim a alma possue a vida perfeita e revela o seo poder pela virtude, quando he unida a Deos pelo amor ; ella desfallece e morre, dèse que o amor e Deos a abandona. « Todo aquelle que não ama permanece na morte. » (Joan. 3.)

Não se deve esquecer que aquelle que possue todos os dons do Espirito Santo sem o amor, não possue a vida. O dom das lingoas, o dom da fé e todos os outros dons da graça, não podem dar a vida, se não se achão reunidos ao amor. Ainda que se envolva um cadaver em vestuarios onde brilhe o ouro de envolta com as pedras preciosas, elle não deixa por isso de ser cadaver. Assim pois, he a vida espiritual o primeiro effeito do amor divino.

7. Em segundo lugar, o amor divino nos torna attentos á observancia dos mandamentos de Deos. « Aquelle que ama a Deos, nunca está ocioso » diz S. Gregorio. Elle realiza grandes cousas, se o amor o anima verdadeiramente; se se recusa á pratica da virtude, o amor não habita em seo coração : por consequencia, o signal mais manifesto do amor divino he a promptidão em cumprir os mandamentos de Deos. Não vemos nós que aquelle que ama, entrega-se ás maiores, ás mais difficeis emprezas para obedecer á voz do objecto amado? « Aquelle que me ama, diz o Senhor (Joan.14), guardará a minha palavra. » Accrescentemos que amar a Deos fielmente he cumprir toda a lei divina. Observemos tambem que os preceitos da lei divina são de duas sortes uns são positivos e ordenão o bem ; outros são negativos e prohibem o mal. O amor divino desempenha uns e outros igualmente, porque não pode fazer o mal,

(I. Cor. 13) e sua plenitude consiste em fazer o bem.

8. O terceiro effeito do amor divino he offercer-nos refugio contra a adversidade. Nada pode offender, tudo serve áquelle que ama a Deos, tudo concorre em seo proveito : (Rom. 8) As penas, as afflicções lhe parecem suaves. E poderia ser de outra sorte, quando aquelle mesmo, cujo coração só he animado de um amor terrestre soffre tudo com alegria pelo objecto amado?

9. O quarto e ultimo effeito principal do amor divino he conduzir-nos á suprema felicidade. A beatitude eterna só he promettida áquelles cujo coração he penetrado d'esse amor divino ; sem elle todas as virtudes são insufficientes para nos merecerem as recompensas celestes. « Não me resta mais, diz S. Paulo, (Tim. 6) do que receber a coroa que o supre-

mo Juiz me reserva. Essa coroa não me espera a mim só, espera também a todos aquelles que como eu amão o Senhor. » Accrescentemos que ha differentes graos na beatitude eterna, segundo os differentes graos do amor divino, e não segundo os de outra qualquer virtude. Muitos homens forão mais abstinentes do que os Apostolos; entretanto estes occupão o primeiro logar no reino do Ceo, porque mais que todos os homens erão penetrados do amor divino. « Elles tinham recebido, como diz S. Paulo (Rom. 8) as premicias do Espirito Santo; eis ahi porque são mais magnificamente recompensados.

10. Mas, além d'esses quatro principaes effeitos do amor divino, ha ainda outros que não devemos passar em silencio. Primeiramente elle nos alcança de Deos a remissão dos peccados. Se um homem offende o proximo, e mais tarde lhe vota uma terna ami-

zade, aquelle a quem offendeo não esquece as suas offensas de outr'ora por causa de sua afeição? He assim que Deos perdoa áquelles que o amão, as offensas de que se tornarão criminosos para com Elle. « O amor, diz o Apostolo (I. Petr. 4) cobre uma multidão de culpas. » E tanto as cobre que as subtrahe á vista de Deos. Posto que o Apostolo diz que o amor cobre uma multidão de culpas, Salomão assegura que as cobre todas; he o que prova o exemplo da Magdalena, d'essa peccadora arrependida, que o Senhor mostrava a seos discipulos, dizendo : « Perdoados lhe são seos muitos peccados, porque muito amou. » (Luc. 7) Mas dirá alguém, basta o amor por si só para apagar nossas culpas, e não he necessario a penitencia? A isso respondo que he impossivel ter alguém um amor sincero sem ter ao mesmo tempo sincero arrependimento de suas culpas. Quanto mais amamos uma pessoa, tanto mais pezar temos quando a offendemos.

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

11. Outro effeito do amor divino he esclarecer o coração. « Todos nós, segundo a expressão de Job, achamo-nos abysmados nas trevas. » Muitas vezes não sabemos o que fazer, o que desejar; mas o amor divino illumina nossa alma, ensina-nos tudo o que he necessario á nossa salvação : he o que diz o Apostolo : (I. Joan. 2) « a sua uncção vos ensina todas as cousas. » Onde reina pois o amor divino reina tambem o Espirito Santo que tudo conhece, que nos guia « no caminho da justiça » (Psalm. 138) segundo a expressão do Rei propheta. « Vós que temeis a Deos, diz o Ecclesiastes, (Eccl. 2) amai-o, e vossos corações serão esclarecidos ; » isto he, tereis tudo quanto he necessario á vossa salvação.

12. Outro effeito do amor divino he produzirno homem um contentamento perfeito. Ninguém pode experimentar gozo real senão no seio de Deos. Todo aquelle que deseja alguma

cousa só pode achar satisfação e descanso na posse do objecto de seos desejos. Entretanto acontece que o homem, quando agitado por uma afeição terrena, deseja ardentemente o que não possui e despreza e aborrece o que tem obtido. Mas não he assim quando o coração he cheio do amor divino. Aquelle que ama a Deos o possui inteiramente, e acha n'elle seo descanso e felicidade. «O que ama a Deos, diz o Apostolo, (Joan. 4) permanece em Deos, e Deos permanece n'elle. »

13. O amor divino produz ainda em nós uma paz perfeita. Quando o coração do homem he animado por um amor terreno, acontece muitas vezes que depois de ter possuido o objecto de seos desejos, ainda se acha inquieto, e ainda deseja outra cousa ; porque « o coração do impio he como um mar agitado, que não pode acalmar. » (Isai. 57-20) « Não ha paz para os impios, diz o Senhor. » (Ibid. 21)

mas não acontece assim com o que he animado pelo amor divino. Quando se ama a Deos, goza-se de perfeita paz. « Senhor, exclama o Psalmista, gozão muita paz os que amão a tua lei, e não ha para elles tropeço. » (Psal. 113.) E qual a razão ? não he porque Deos só pode preencher a multidão de nossos desejos ? a immensidade de Deos não he maior do que o vacuo de nosso coração, como diz o Apostolo ? « Meo Deos, exclama S. Agostinho. (Conf. 1) Vós nos fizestes para vós, e nosso coração está inquieto em quanto não descança em vós. » « O' minha alma ! exclama tambem o Rei propheta, bemdize ao Senhor que enche de bens o teu desejo. » (Psal. 102.)

14. Outro effeito do amor divino he ennobrecer a natureza humana. Todas as creaturas prestão homenagem á Magestade divina, todas são submissas a Deos como ao seu Creador, como ao Soberano do Universo ;

mas graças ao amor, nós deixamos de ser escravos; nós nos tornamos livres e amigos de Deos. « Já vos não chamarei servos . . . , mas chamar-vos-hei amigos » disse o Senhor a seos discipulos. (Joan. 15.) Dirão porém : S. Paulo e os outros Apostolos não se darão a si mesmos o titulo de servos de Deos? He verdade; mas notemos que ha duas sortes de escravidão; a primeira he uma escravidão de temor; ella he punivel e sem merito. Digo sem merito porque aquelle que só se abstem de fazer o mal pelo temor do castigo, não tem direito a nenhuma recompensa, e sua submissão he ainda de um escravo. A segunda he uma escravidão de amor. Quando alguém tem por motivo de suas acções, não o temor do castigo, mas o amor divino, não obra como escravo, mas obra como homem livre, porque obedece voluntariamente a Deos. Eis ahi porque o Senhor diz aos seos discipulos : « Já vos não chamarei servos. » E por que razão?

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

A isto responde o Apostolo S. Paulo : « vós não recebestes o espirito de temor que torna o homem escravo, mas o espirito de amor que o torna livre e filho de Deos. (Rom. 8.) « O temor he extranho ao amor » accrescenta S. João. (S. Joan. 4.) O temor he penoso, e o amor herdeiro de doçura.

15. O amor divino não torna somente o homem livre, mas tambem o faz filho de Deos. Sim, graças ao amor, obtemos o titulo de filhos de Deos, e o somos verdadeiramente, segundo o que diz ainda S. João. (Ibid. 3) adquirimos assim direito á herança de nosso Pai celeste, e esta herança he a vida eterna. « O Espirito Santo, diz o grande Apostolo dá testemunho ao nosso espirito de que somos filhos de Deos, e se somos filhos de Deos somos tambem seos herdeiros, herdeiros verdadeiramente de Deos, e coherdeiros de Christo » (Rom. 8). Os justos diz tambem Salomão,
<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

tem sido contados entre os filhos de Deos. »
(Sap. 5.)

16. Pelo que precede já bem se podem comprehender as vantagens do amor divino. He portanto do nosso dever empregar todos os esforços para adquirir e conservar uma cousa tão vantajosa. Mas observemos primeiramente que ninguém pode ter por si mesmo o amor divino, e que só Deos he quem o dá. « Se Deos nos mostrou tanta bondade, diz S. João (S. Joan. 4) não he por causa de nosso amor para com elle, mas por causa de seo amor para connosco. » Por quanto o amor que Deos nos tem não he o effeito do amor que lhe temos, mas o amor que temos a Deos he o effeito do amor que elle nos tem. Acrescentemos que com quanto todos os dons venhão do Pai das luzes, o do amor divino he superior a todos os outros. Podem-se possuir todos os outros dons sem possuir o amor

divino e o Espirito Santo; mas o Espirito Santo he inseparavel do amor divino, e he impossivel possuir um sem possuir o outro. « O amor divino, diz o Apostolo (Rom. 8), foi derramado em nossos corações pelo Espirito Santo que nos foi dado. » Não succede o mesmo com os outros dons. Pode-se repito, possuir o dom das linguas, o dom da sciencia, o dom da prophecia, sem possuir o Espirito Santo, sem possuir o amor divino. Mas, bem que o amor divino seja um dom de Deos, e o maior de todos, devemos todavia para possuil-o dispôr nosso coração a recebê-lo e guardá-lo.

17. Duas cousas são principalmente necessarias para obter o amor divino. He preciso em primeiro logar ouvir com assiduidade a palavra de Deos. A maneira porque nascem as affeições terrenas he uma prova d'esta verdade. Quando ouvimos dizer bem de uma pessoa, não nos sentimos dispostos a amal-a?

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

Assim he que ouvindo a palavra de Deos, nosso coração arde de amor por elle. « Senhor, exclama o Rei propheta, (Psal. 118) a vossa palavra he'de fogo, e inflamma em amor este coração que vos he devotado. » « A palavra 'do Senhor, diz elle ainda, inflamou o coração de Jozé. (Ibid. 104) « por isso os dous discipulos de Jesus, que havião encontrado seo Mestre depois da sua resurreição, dizião um ao outro, abrazados no amor divino : « Não nos ardia o coração no peito, em quanto elle nos fallava no caminho, e nos explicava as Escripturas? (Luc. 25) « Por isso ainda lemòs nos Actos dos Apostolos que pregando Simão Pedro o Evangelho em Cesarea, o Espirito Santo desceo sobre todos'que ouvião a palavra divina. E não acontece muitas vezes que a predica abrande os mais duros corações, e lhes inspira inopinadamente o amor divino.

18. Para obter o amor divino he preciso, em segundo lugar, entreter continuamente o espirito com bons pensamentos. « Meo coração inflamma-se no meio de suas meditações piedosas », diz o Psalmista (Psal. 39) Bem insensível seria aquelle que cuidando nos beneficios do Senhor, nos perigos que evitou, na beatitude que lhe he promettida, não se abraçasse de amor para com Deos. D'ahi vem dizer S. Agostinho « tem um coração bem duro aquelle que não sendo o primeiro a amar, não retribue ao menos o amor que se lhe tem. » Em geral pode-se dizer que os máos pensamentos destroem o amor divino, e que os bons o fazem nascer, nutrem-no, e velão na sua conservação. « Tirai, diz o Senhor, tirai de diante dos meos olhos os vossos máos pensamentos ». (Isaï 1) Os máos pensamentos, diz Salomão, afastão de Deos. » (Sap. 1) Duas condições principaes são necessarias ao crescimento do amor divino.

19. He preciso primeiramente afastar o coração dos objectos terrestres. O coração não pode dar-se completamente a objectos diversos ; ninguém pode amar ao mesmo tempo o mundo e a Deos. He por isso que nosso coração, quanto mais se afasta das affeições terrenas, tanto mais se firma no amor divino. «O que mata o amor divino, diz S. Agostinho, he o desejo de obter ou conservar os bens temporaes ; o que o vivifica he o enfraquecimento da cubiça ; o que o torna perfeito he a ausencia de toda a cubiça, porque a cubiça he a fonte de todos os males ». (In. lib. 83) Todo aquelle pois que quer augmentar em si o amor divino, deve trabalhar por destruir a cubiça. Entendo por cubiça o amor dos bens temporaes. Para destruil-o he mister primeiramente temer a Deos que he só quem não pode ser temido sem ser amado. A instituição das ordens religiosas não tem outro fim senão a realisação d'esta obra. O estudo monastico nos

afasta das vaidades do mundo, e dos objectos terrestres, eleva nossa alma para o Ceo e para Deos. «O sol brilha depois de ter sido coberto de nuvens » lê-se no livro dos Machabeos (Mac. 1) O sol coberto de nuvens he o espirito humano quando está obscurecido pelas affeições terrestres; o sol que brilha, he o espirito humano quando se desprende d'estas affeições para elevar-se até o amor divino.

20. A segunda condição necessaria ao crescimento do amor divino, he uma paciencia inabalavel na adversidade. As penas que soffremos por uma pessoa amada augmentão nossa ternura para com ella, longe de a diminuir. « Torrentes d'agoa não poderião apagar o amor » diz o Cantico dos canticos (Canto. 8) Esses torrentes d'agoa são as tribulações da vida, estas tribulações soffridas por Deos firmão o amor divino nas almas santas, em vez de o enfraquecer. O artista contempla com mais amor a obra que lhe custou mais es-

forços e fadigas. He assim que os corações fieis amão tanto mais a Deos, quanto mais soffrem por elle. « As agoas se multiplicarão e a arca elevou-se com ellas. » (Im. 7) As agoas do diluvio são as afflicções do mundo ; a arca que se eleva he a Igreja ou a alma do justo.

Do Amor de Deos

21. Quando os Doutores da lei mosaica perguntarão a Jesus qual era o maior e o primeiro mandamento, elle lhes respondeo : « Amarás o Senhor, teu Deos de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento ; tal he o maior e o primeiro mandamento. » (Math. 22) He com effeito este o mais importante, o mais sublime, o mais util de todos os mandamentos, e n'elle se contem todos os outros. Mas, quatro condições são ne-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

cessarias para o perfeito cumprimento d'este preceito.

22. A primeira he um reconhecimento profundo pelos beneficios de Deos. Tudo quanto possuimos, ou em nós, ou fora de nós, d'elle provem, he mister pois que de tudo lhe rendamos graças, e que o amemos com um amor sem limites. Não seria uma criminosa ingratidão não amar alguém seo bemfeitor? A lembrança dos beneficios do Senhor nunca abandonou a David « Meo Deos, exclama elle, (Parab. 29) Tudo vos pertence, e nós não fazemos senão restituir vos o que de vossas mãos recebemos. » Por isso faz o Ecclesiastico o elogio do Rei propheta n'estes termos : « Elle glorificou de todo o seo coração o nome do Senhor; amou com um amor sem limite o Deos que o tinha creado. » (Ecc. 42).

25. A segunda condição he profundo res-

peito para com a magestade divina. « Deos he maior que nosso coração; » (1 Joan. 3) Assim, ainda que o servissemos de todo o nosso coração, nossa submissão não seria ainda assaz humilde. « Por mais que glorifiqueis ao Senhor com todas as vossas forças, diz o Ecclesiastico, (Eccl. 43) nunca lhe dareis a competente gloria, porque ainda ficará superior a toda ella. Bemdizendo vós ao Senhor, exaltai-o quanto podeis, porque Elle he maior que todo o louvor. »

24. A terceira condição he a renuncia ás vaidades do mundo e ás affeições terrestres. He fazer grande injuria a Deos o igualar-lhe alguma cousa. « A que condição me fizestes vós descer? » diz o Senhor aos que o rebaixão ao nivel das creaturas. (Isai. 39) Fazemos injuria a Deos, degradamos sua Magestade, quando misturamos as affeições terrestres com o amor divino; ou para melhor dizer, he

impossível amar ao mesmo tempo a Deos e ao mundo. « Uma cama muito estreita não pode admittir duas pessoas, diz Isaias, (Ibid. 28) E uma coberta mui curta não pode cobril-as ao mesmo tempo. Essa coberta mui curta, essa cama muito estreita, he o coração do homem que apenas pode conter a Deos só, e que Deos abandona quando elle a quer repartir com o mundo. Elle não soffre rival em nosso coração, do mesmo modo que um esposo no coração de sua esposa. Não o disse Elle próprio « Eu sou o teo Deos zeloso? » (Exod. 25-5) Elle não quer que amemos cousa alguma tanto como a Elle, nem ainda que amemos outra cousa fóra d'elle.

25. A quarta condição he o amor ao peccado. Ninguem pode amar a Deos vivendo no mal. « Não podeis servir ao mesmo tempo a Deos e ás riquezas. » (Math. 4) Assim todo aquelle que vive no peccado, não ama a Deos. Ama-

ra-o porem esse piedoso Monarcha que o invocava n'estes termos : « Senhor, lembrai-vos que andei debaixo das vossas vistas no caminho da verdade e na pureza de meo coração. » (Isai 33). Até quando, exclama o propheta Elias, (3 Rei. 1) vacillareis entre o bem e o mal? « Tal he com effeito a incerteza do peccador : ora se deixa arrastar pelas pegadas do demonio, ora se esforça por procurar a Deos; mas esta incerteza desagrada ao Senhor.» Vinde a mim, diz Elle, (Joel 2) de todo o vosso coração. » Duas especies de homens peccão contra este preceito : uns, evitando um vicio, como por exemplo a luxuria, cahem n'outro, com a avareza. Elles não deixão por isso de ser criminosos como os que cahem n'esses dous vicios ao mesmo tempo ; por|quanto diz o Apostolo S. Thiago (Jacob) Aquelle que viola um só preceito da lei divina, viola toda a lei. Outros ha que confessão uma parte de seos peccados e calão o resto,

ou que repartem a confissão de suas culpas entre dous confessores. Estes não merecem a absolvição; antes commettem nova culpa procurando enganar a Deos, e profanando o Sacramento. « He uma impiedade, diz um sabio, esperar de Deos um perdão incompleto. » « Derramai vossos corações em presença do Eterno » diz tambem o Psalmista. (Psal. 6) E com effeito tudo devemos revelar na confissão.

26. Temos mostrado que o homem he obrigado a entregar-se a Deos ; mas como entregar-se a Elle ? O que ha em nós que possamos e devamos consagrar-lhe ? Ha no homem quatro cousas que elle pode e deve consagrar a Deos ; a saber : o coração, a alma, o entendimento e a força. « Amarás ao Senhor teu Deos, diz o Evangelho (Marc. 22), de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e de toda a tua virtude », isto he, de todas as tuas forças.

27. Observemos que a palavra *coração* significa aqui *intenção*. A intenção he de tal importancia em nossos actos que lhes imprime a todos seo character proprio, de sorte que o bem, feito com uma intenção má, torna-se máo. « Si o teo olho for mão, diz o Evangelho (Luc. 11), todo o teo corpo ficará nas trevas ; » Isto he, se tua intenção for má toda a massa de tuas obras ficará sem merito. Por isso em todas as nossas obras deve a nossa intenção ter a Deos por fim. « Ou vós comaes, diz o Apostolo (S. Cor. 10), ou bebaes, ou façaes outra qualquer cousa, fazei tudo para gloria de Deos. »

28. Não basta porém que a intenção seja boa para que a acção tambem o seja. He necessario que essa boa intenção seja acompanhada de vontade recta ; e he o que nos quer dar a entender o Evangelho quando nos manda que amemos a Deos de toda a nossa alma,

pois a alma he a vontade. Muitas vezes obra o homem com boa intenção, mas sem merito, porque, alem d'essa boa intenção não tem uma vontade recta. Por exemplo, furtar para nutrir um pobre que morre de fome he obrar com boa intenção, mas a bondade da intenção não excusa o mal que se commette por falta de rectidão na vontade. « São criminosos, diz S. Paulo, os que querem fazer o mal para que venha o bem. » (Thom. 3.) A rectidão da vontade he unida á bondade da intenção quando a vontade humana está tambem de acordo com a vontade divina ; e he o que pedimos todos os dias pedindo a nosso Pai celeste ; seja feita a vossa vontade assim na terra como no Ceo. He esse mesmo acordo que exprime o rei propheta quando diz « Senhor, quero fazer a tua santa vontade. » (Psalm. 39.) Eis ahi pois porque o Evangelho nos ordena que amemos tambem a Deos de toda a nossa alma, pois a

alma, repito, he muitas vezes tomada na Es-criptura santa pela vontade; « a desobediencia, diz o Senhor, desagrada a minha alma, isto he, está em desacordo com minha vontade. » (Heb. 10.)

29. Algumas vezes emfim a intenção he boa, a vontade he recta, mas o pensamento he peccaminoso; e eis ahi porque o Evangelho nos recommenda que amemos a Deos de todo o nosso entendimento. Devemos dar a Deos todos os nossos pensamentos afim de que sejam santos. « Nossa missão, diz o Apostolo (2 Cor. 10), he submeter todo o entendimento a lei de Christo. Muitos homens, sem commetterem o acto mesmo do peccado, guardão com gosto o pensamento d'elle em seo espirito. A estes he que se deve applicar as seguintes palavras do Senhor : « Tirai de diante dos meos olhos os vossos pensamentos criminosos. » (Esai 1.) Ha outros ainda que

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

cheios de confiança em sua sabedoria orgulhosa, não querem submeter sua razão á fé, e estes não dão a Deos o seo pensamento. A elles he que Salomão dirige estas palavras : « Não vos fieis na vossa prudencia. » (Prov. 3).

30. Mas não basta amar a Deos de todo o nosso coração ; de toda a nossa alma, de todo o nosso entendimento ; devemos tambem amal-o de todo o nosso poder, de todas as nossas forças : « Senhor, diz o Rei propheta (Psalm. 58). He ao teo serviço que quero consagrar a minha força. » Homens ha que consagrão sua força ao peccado, que não revelão seo poder senão no vicio ; he a estes que se dirigem estas palavras ameaçadoras de Isaías : « Desgraçados de vós que só tendes força para vos entregardes á devassidão, e coragem para vos embriagardes. » (Isai 5). Outros ha que desenvolvem em detrimento de seo proximo o poder que deverião empregar servindo

seos interesses : « Arrancai á morte aquelle que vai perecer » diz Salomão. (Prov. 25) He assim que convem mostrar-se forte e poderoso. Devemos portanto para cumprir plenamente o preceito do amor divino, dar a Deos nosso coração, nossa alma, nosso entendimento, nossa força, isto he, ter a Deos por alvo de nossa intenção, de nossa vontade, de nossos pensamentos e de nossos esforços.



Do Amor do Proximo

31. Quando os doutores da lei perguntarão a Jesus Christo qual era o maior mandamento, duas respostas deo Elle a esta única pergunta. Primeira : « Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; » e d'esta primeira parte do preceito já temos tratado. « Amarás accrescentou Elle, o teu proximo como a ti mesmo. » Ora, convem obser-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

var que o cumprimento d'esta segunda parte do preceito encerra o cumprimento de todos os deveres do homem para com o homem : « no amor, diz o Apostolo, está todo o cumprimento da lei. » (Rom. 13) Quatro motivos nos convidão ao amor do proximo.

32. O primeiro he o amor divino : « Mente aquelle que disser que ama a Deos detestando seo proximo. » (1 Joan. 4) Não he por ventura mentir o avançar que se ama alguém detestando seos filhos e sua familia ? Ora, todos os fieis são filhos de Deos, e não formão mais que uma só familia de que Deos he o pai « Vós sois diz S. Paulo (1 Cor. 12) o corpo e os membros de Jesus Christo. » Por consequencia, aquelle que aborrece seo irmão, não pode amar a Deos, que he nosso pai commum.

33. O segundo motivo que nos convida ao amor do proximo he a obediencia que deve-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

mos á vontade divina. Entre outros preceitos que Jesus Christo nos deo antes de deixar a terra, Elle principalmente recommendou á nossa obediencia o amor do proximo, dizendo aos seos discipulos; « Eis aqui o preceito que eu vos dou : amai-vos uns aos outros como eu vos ameí. » (Joan. 15) Não se pode portanto cumprir a vontade de Deos detestando o proximo, e o testemunho o mais assignalado á lei divina he o amor que temos aos nossos irmãos. Por isso Nosso Senhor mesmo disse : « N'isto conhecerão todos que sois meos discipulos, se vos amardes uns aos outros. » (Ibid 13) Elle não disse : reconhecer-vos hão pelo poder que vos foi dado de resuscitar os mortos, ou por algum outro signal estrondoso, mas « pelo amor que tiverdes uns aos outros. » S. João apreciava devidamente toda a importancia do preceito de seo divino mestre; e por isso dizia : « Passámos da morte á vida; » e porque? « Porque amamos os nossos irmãos.

Aquelle que não ama permanece na morte. »
(2 Joan. 3).

34. O terceiro motivo que nos convida ao amor do proximo he a identidade da nossa natureza. « Todo o ser vivo, diz o Ecclesiastico (Eccl. 13) ama o seo semelhante. » E já que os homens se assemelham todos por sua natureza, devem amar-se mutuamente. Assim pois o odio do homem contra o homem não he só uma violação da lei divina, he tambem uma violação da lei natural.

35. Quarto motivo he a utilidade geral, Graças á caridade, o que he vantajoso a um torna-se igualmente vantajoso a todos. He a caridade que une os fieis no seio da Igreja, e que estabelece entre elles uma communhão de sentimentos, de necessidades e de interesses. « Senhor, exclama o Rei propheta, (Psalm.

118) eu me uno áquelles que te temem e observão tua santa lei. »

36. « Amarás o teu proximo como a ti mesmo; » tal he o segundo preceito da lei moral. Temos dito quanto devemos amar ao nosso proximo; resta-nos dizer como o devemos amar. O Evangelho nol-o indica dizendo-nos : « como a ti mesmo ». Ha n'esta expressão do Evangelho cinco cousas a considerar, e que são os elementos essenciaes do amor do proximo.

37. Primeiramente devemos amar nosso proximo com verdade, isto he, amal-o por amor d'elle mesmo, e não por amor de nós. Notemos a este respeito que ha tres sortes de amor, dos quaes um só he o amor verdadeiro. O amor funda-se algumas vezes sobre o interesse : « Tal amigo ha, diz o Ecclesiastico, (Eccl. 6) que só o he para a mesa, e que o não

será nos dias da tribulação. » Não he este de certo o verdadeiro amor, elle nasce do egoismo, e o egoismo o mata. Em quanto reina em nosso coração, não he a felicidade do proximo, mas a nossa que desejamos. Outras vezes o amor tem por motivo o prazer; e não he este ainda o verdadeiro amor, porque elle morre com o prazer que o fez nascer. Em quanto reina em nosso coração, amamos ainda o nosso proximo, não por amor d'elle mesmo, mas por amor de nós. Outras vezes enfim o amor tem por base a virtude, e he este o verdadeiro amor. Então não amamos nosso proximo por amor de nós mesmos, mas por amor d'elle.

38. Em segundo logar, devemos amar nosso proximo em termos; isto he, não amal-o mais do que a Deos, nem tanto como a Deos, mas justamente tanto quanto devemos amar-nos a nós mesmos. « Elle ordenou em mim

a caridade », diz-se no Cantico dos Canticos, (Cant. 3). Nosso Senhor tem o cuidado de nos indicar a medida da afeição que devemos a nosso proximo, dizendo « O que ama seo pai ou sua mai mais do que a mim, não he digno de mim : o que ama seo filho ou filha mais do que a mim, não he digno de mim. » (Math. 10).

39. Em terceiro lugar devemos amar nosso proximo com efficacia. O homem, quanto a si mesmo, não se limita a um amor esteril, antes faz todos os esforços para obter o que lhe he vantajoso, para evitar o que lhe he funesto. Assim pois he que deve amar seo proximo. « Não amemos de palavra nem de lingoa, diz S. João, mas por obra e em verdade. » (1 Joan. 3). Os piores de nossos inimigos são aquelles cuja bocca anda cheia de palavras de amor, e o coração cheio de sentimentos de odio. D'elles he que falla o pro-

pheta, quando diz : « Sua bocca tem palavras de paz para o proximo, e seo coração occulta pensamentos criminosos. » (Psalm. 27). » Que o vosso amor seja sem fingimento » diz tambem o Apostolo. (Rom.)

40. Em quarto logar devemos amar nosso proximo com perseverança, como fazemos comnosco. » O verdadeiro amigo ama sempre, e o poder de sua affeição manifesta-se nos dias da angustia » ; (Prov. 17.) Elle nos he fiel na desgraça como na prosperidade; e he quando a fortuna nos abandona que mais se estreita e revela sua amizade, como observa Salomão. Cumpre porem saber que duas cousas contribuem para a duração da amizade primeiramente a paciencia; porque um homem irascivel só procurà rixas : depois a humildade que produz a paciencia, porque « a discordia he companheira do orgulho. » (Ibid. 13). Aquelle que presume muito de si,

e despreza os outros, não pode supportar seos defeitos.

41. Em quinto logar devemos amar nosso proximo com justiça e santidade, isto he, não amal-o até fazer o mal por amor d'elle; porque não he assim que devemos amar a nós mesmos, e semelhante amizade seria contraria ao amor divino, que deve ser a regra principal de nossa conducta, (Joan 15) e que Salomão chama fonte das nobres affeições, (Eccl. 24).

42. « Amarás o teo proximo como a ti mesmo. » Os judeos e os phariseos comprehendião mal este preceito, acreditando que Deos ordenara aos homens que amassem seos amigos, e detestassem seos inimigos. O termo — *proximo* — era par elles synonimo de — *amigo*. Mas esta interpretação he falsa, e a prova acha-se n'estas palavras de Jesus-

Christo; « Amai vossos inimigos, etc. » (Math. 5) não se deve esquecer que todo aquelle que detesta seo irmão não está em estado de graça; « o que aborrece seo irmão está nas trevas » diz S. João. (1 Joan. 2).

43. Ha entretanto aqui uma distincção a fazer Homens de uma santidade eminente conhecerão o odio : « Senhor, exclama o Rei propheta, (Psalm) aborreço profundamente os que calcão aos pés tua santa lei. » Jesus-Christo mesmo declara « que ninguem pode ser seo discipulo sem odiar seo pai, sua mai e toda a sua familia. (Luc. 15). Ora nós devemos em todas as cousas seguir o exemplo do divino Mestre, e saber amar e aborrecer a proposito, como Elle; por quanto Deos tam-bem conhece o odio e o amor. E porque? porque ha no homem duas cousas a considerar, a natureza humana e o vicio. A natureza humana em todo o homem, tem direito ao

amor ; em todo o homem o vicio merece odio. Desejar a seo proximo a condemnação eterna he aborrecer n'elle a natureza humana, e amar o peccado ; mas fazer votos pela sua salvação, he aborrecer n'elle o peccado, e amar a natureza humana. « Senhor, diz o Psalmista, tu aborreces todos aquelles que fazem o mal. » (Psálm. 5). « Senhor, diz Salomão tu amas tudo que existe, e não aborreces nada do que fizestes. » (Sap. 11). Quaes são pois os objectos do amor e do odio de Deos ? O objecto de seo amor he a natureza, o objecto de seo odio he o mal.

44. Accrescentemos que o homem pode algumas vezes fazer mal ao seo proximo sem peccado. He o que succede quando lhe faz mal com vòntade de servir os seos verdadeiros interesses ; e Deos mesmo obra muitas vezes connosco d'esta sorte. Assim Elle afflige o peccador com enfermidades afim de o con-

verter ao bem; assim ainda Elle opprime o máo sob os golpes da adversidade, afim de que essa dura lição lhe faça, segundo a expressão de Isaias, abrir os olhos sobre seos desvarios.» (Isai. 24) «Pode-se pois sem peccado dezejar a queda de um tyranno que desola a Igreja; pode-se digo sem peccado, em quanto se dirija o bem da Igreja pela queda do tyranno, « Bemdito seja o Senhor, que ferio os impios. » Lê-se no livro dos Machabeos. (Macch.)

45. He um dever para todos não só desejar a ruina dos máos, mas tambem concorrer para ella, por amor do interesse geral. De certo não he peccado dar a morte aquelles que a merecerão por seos crimes. « Os principes diz S. Paulo, (Rom. 13) são os ministros de Deos, e não he debalde que trazem a espada da justiça. » Os que velão na manutenção das leis, não violão o preceito da caridade ferindo

o criminoso; se o punem, he umas vezes para castigal-o, outras vezes para garantir a segurança publica, que he mais preciosa que a vida de um homem. Entretanto não se estaria exempto de peccado punindo o criminoso só com a intenção de lhe fazer mal, se a esta intenção se não reunir a de servir seos verdadeiros interesses, isto he, de infligir-lhe um castigo salutar, e procurar-lhe a vida eterna.

46. Pode-se querer bem ao proximo de duas maneiras : primeiramente de uma maneira geral, em quanto creatura de Deos, e participante da promessa da vida eterna; em segundo lugar em quanto nosso amigo ou nosso companheiro. Ninguem se deve recusar á afeição geral que se deve á humanidade; todo o homem he obrigado a orar pelos outros, quaesquer que sejam, e as occorrel-os em suas necessidades; mas não somos obrigados a conceder a quem quer que seja signaes parti-

culares de benevolencia, a menos que se nos peça o perdão das offensas que nos houverem sido feitas. Aquelle que nos faz semelhante pedido, não he mais para nos uma pessoa indifferente; e não admittil-o á nossa intimidade, seria repellir um amigo, seria privar-nos de uma poderosa intercessão junto de Deos. Não disse Jesus Christo « Se perdoardes aos homens as offensas que tendes d'elles, vosso Pai celestial vos perdoará tambem vossos peccados; se não perdoardes aos homens, tão pouco vosso Pai vos perdoará vossos peccados? » (Math. 6-14) Não dizemos a Deos na oração dominical, perdoai-nos as nossas dividas, assim como nos tambem perdoamos aos nossos devedores? (Ibid. 2).

47. « Amarás o teo proximo como a ti mesmo. » Dissemos que he peccado recusar o perdão que se nos pede : o mais alto gráo de virtude que possamos attingir he amar aquelles

que nos fizerão mal; não somos obrigados, mas numerosos motivos nos induzem a isto.

48. O primeiro he a conservação de nossa dignidade. Os diversos grãos de dignidade reconhecem-se por signaes diversos, e ninguem deve perder o signal de sua propria dignidade. Ora entre todas as dignidades a mais elevada he a que nos provem do titulo de filho de Deos, e o signal que o faz reconhecer he o amor de nossos inimigos. « Amai vossos inimigos, diz-se no Evangelho, afim de que sejaes dignos filhos de vosso Pai que está no Ceo. » (Ibid. 5) Com effeito, não basta amar os que nos amão para sermos filhos de Deos. Os publicanos e os gentios observão tanto como nós essa lei da natureza.

49. O segundo motivo que nos induz a amar os que nos fazem mal, he o triumpho das paixões nobres sobre as paixões ruins. O de-

sejo da superioridade em todas as cousas he innato no homem. He mister pois, ou que, á força de bondade, obriguemos o que nos offende a amar nos, e então somos vencedores : ou que nos deixemos arrastar ao odio por uma influencia extranha, e então somos vencidos. « Não consintaes que o mal triumphhe de vós, diz S. Paulo. (Rom. 12-21) mas triumphai do mal pelo bem. »

50. O terceiro motivo que nos induz a amar os que nos fazem mal, he o nosso proprio interesse. Nós os forçamos assim a tornar-se nossos amigos. » Se vosso inimigo tiver fome, diz ainda S. Paulo, dai-lhe de comer ; se tiver sede dai-lhe de beber ; assim obrando amontoareis brazas vivas sobre sua cabeça. » (Eccl. 6) Não ha maior provocação ao amor, diz S. Agostinho, do que amar primeiro. Ninguém tem o coração tão duro que não pague ao menos em compensação o amor que se lhe

testemunha. « Um amigo fiel he o mais precioso de todos os thesouros, » segundo Salomão. (Ibid 20) « E quando o Senhor vê marchar um homem no bom caminho, muda o coração de seos inimigos » diz ainda o Sabio coroado (Eccl. 6).

51. O quarto motivo que nos induz a amar os que nos fazem mal, he que, graças a este esforço generoso de virtude, nossas orações são mais agradaveis a Deos. Ainda que Moysés e Samuel se apresentassem perante mim, diz o Senhor, (Prov. 6) eu não perdoaria a este povo. » « Se Deos, observa S. Gregorio, cita de preferencia Moyses e Samuel, e se por isso mesmo exprime o poder que elles têm sobre Elle, he porque Moysés e Samuel tinham amado seos inimigos, e tinham orado por elles. » Jesus Christo tambem orou pelos seos carrascos. (Hier. 15) E as orações do bemaventurado S. Estevão em favor dos que o apedre-

javão, forão de uma utilidade muito grande á Igreja, obtendo a conversão de S. Paulo.

52. O quinto e ultimo motivo que nos induz a amar os que nos fazem mal, he o desejo de sahir do peccado, desejo que deve ser, o mais poderoso de todos em nosso coração. Algumas vezes acontece-nos peccar, e não procurar a Deos, então Deos nos chama a si fazendo-nos sentir rudemente a necessidade de seo apoio. « Cubrirei vosso caminho de espinhos » nos diz Elle pela bocca do propheta Oseas. (Luc. 23) Foi assim que ferio a Paulo com a cegueira no caminho de Damasco, afim de o chamar a si. « Senhor, exclama o Psalmista, andei errante como ovelha que se desgarrou, vinde procurar vosso servo. » (Ose. 2) Deos vem em nosso soccorro, se perdoamos a nossos inimigos, se os conduzimos ao bem pela indulgencia e bondade. « Deos, diz-se na Escripura, (Psalm. 118) usará para vós da mesma medida

de que usares para os outros. » Perdoai e sereis perdoados. » (Luc. 6) « Bemaventurados os misericordiosos, porque elles alcançãõ misericordia. » (Ibid) Ora, não ha maior testemunho de misêricordia, do que perdoar aos que nos fazem mal.

Do Primeiro Preceito da Lei

53. « Não terás deoses extranhos. » (Exod. 20) Como já dissemos a lei de Christo, he uma lei de amor; toda ella descança sobre a caridade. Os deveres da caridade são formulados em dous preceitos, um dos quaes he relativo ao amor de Deos, e o outro relativo ao amor do proximo. Já fallamos d'estes dous preceitos. Agora convem saber que a lei dada a Moysés no monte Sinai, continha dez preceitos gravados sobre duas taboas de pedra.

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

Tres erão gravados sobre a primeira taboa, e se referem ao amor de Deos ; sete erão gravados sobre a segunda, e se referem ao amor do proximo. Assim, toda a lei moral descança sobre dois preceitos fundamentaes.

54. O primeiro dos tres preceitos relativos ao amor de Deos he este : « Não terás deoses extranhos. » Para bem comprehendermos este preceito, convem saber que a maior parte dos povos antigos tornavão-se culpados da sua violação. Uns adoravão os demonios, como attestão estas palavras do Psalmista : « Todos os deoses das nações são demonios. » (Psalm. 95) Um semelhante culto he o maior e mais horrivel de todos os peccados. Presentemente ainda este culto abominavel he mantido por todos os que se dedicão á adivinhação e á feitiçaria ; por quanto segundo S. Agostinho, he impossivel ser iniciado nos segredos das sciencias occultas, sem fazer pacto com o

diabo. « Não quero diz S. Paulo que vos torneis socios do demonio. » (Cor. 10) « Vós não podeis, accrescenta elle, sentar-vos alternativamente á mesa do Senhor, e á mesa do demonio. » (Ibid.)

55. Outros adoravão os corpos celestes, tomando os astros por divindades, como attestão estas palavras do sabio Salomão, « Reputavão por deoses, governadores do universo o sol e a lua » (Sap. 13) e por isso prohibio Moyses severamente aos judeos que seguissem a tal respeito o exemplo dos outros povos : « Guardae cuidadosamente as vossas almas, por não succeder que levantando os olhos ao Ceo, e contemplando o sol, e a lua, e todos os mais astros, caihaes no erro de adorar e prestar culto a essas cousas que o Senhor vosso Deos creou para serviço de todas as gentes que vivem debaixo do Ceo. » (Deu. 4) Contra esta prohibição peccão os

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

astrologos, que attribuem aos corpos celestes creados para o homem, o poder de reger os destinos humanos, poder que só a Deos pertence.

56. Outros porém adoravão os elementos derramados nas esphas inferiores, como attestão ainda estas palavras de Salomão : « Reputavão por divindades o fogo, o ar. » (Sap. 13) d'este frivolo e vergonhoso culto tornão-se culpados os que dão seo coração a objectos indignos do seo amor. « Saiba diz S. Paulo, que o fornicario, o immundo, o avaro são idolatras. » (Ephes. 5) Outros adoravão homens, e entre elles, fracos mortaes fazião-se reputar por deoses. Tres cousas derão nascimento a este genero de idolatria.

57. A primeira he a affeição. « Penetrado um pai de sensivel mago-a, fez a imagem de seo filho, que cedo lhe fora arrebatado, e a

aquelle, que então havia fallecido como homem, começa agora a adorar como a Deos, e lhe estabelece entre seos servos ceremonias e sacrificios. » (Sap. 16)

58. A segunda he a adulação. Querendo os homens testemunhar sua admiração a um principe, a um heroe, que não podia receber em pessoa suas homenagens, procurarão um meio de adoral-o ainda que ausente ; levantarão-lhe pois estatuas que adorarão em seo lugar. Invocaremos ainda a authoridade de Salomão. « Querendo os homens adorar um rei ausente, prestarão culto a sua imagem, afim de lhe testemunhar sua veneração como se estivesse presente. » (Ibid. 17) Taes são ainda hoje os que tem mais respeito ao mundo do que a Deos. « Aquelle que ama seo pai ou sua mai mais do que a mim, não he digno de mim » diz o Senhor. (Math. 10) « Não vos fieis nos principes, nem nos filhos dos homens, diz

o Psalmista, porque n'elles não ha salvação. »
(Psalm. 145)

59. A terceira causa d'este genero de idolatria, he a presumpção. Certos reis, na embriaguez de seo orgulho, derão-se a si mesmos os titulos de deoses. Tal foi Nabuchodonosor, monarcha impio, a quem o propheta Ezechiel dirige estas palavras : « O teo coração se elevou, e tu dissestes : Sou deos. » (Ezech. 28) Imitão sua impiedade os que dão mais credito aos seos sentidos, do que aos preceitos de Deos! Tambem estes se adorão como deoses ; por quanto procurando os deleites carnaes prestão culto ao seo corpo, « fazem um deos de sua barriga. » (Philipp. 3). Devemos portanto evitar com cuidado todas estas cousas, como contrarias ao culto do verdadeiro Deos.

60. « Não terás deoses extranhos. » Como dissemos, o primeiro preceito da lei he o que

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

nos prohibe outro qualquer culto que não seja o do verdadeiro Deos. Cinco razões principaes nos convidão ao cumprimento d'este preceito.

61. A primeira he a dignidade de Deos : recusar nossas homenagens á essa dignidade soberana, he ultrajar o Rey dos Ceos. Toda a dignidade tem direito aos respeitos, e o vas-sallo que se revolta contra seo soberano he criminoso de lesa magestade, e traidor ao seo rei. Taes são alguns homens a respeito de Deos. « Ultrajarão, diz S. Paulo (Rom. 1), a gloria do Deos eterno, prestando homenagem á vã semelhança da creatura mortal. » Ora, nada desagrade tanto ao Senhor como uma tal injuria. « Não cederei, diz Elle pela bocca do propheta Isaias (Isai. 42), não cederei minha gloria a outro, nem o meo culto aos idolos. » E notemos que o que faz a dignidade de Deos, he a sua omnisciencia : o seo nome exprime a idea de um olhar a que nada esca-

pa. Com effeito um signal caracteristico da divindade he o conhecimento de todas as cousas. « Annunciai-nos os acontecimentos futuros, e acreditaremos que sois deoses. » (Isai. 41) « Todas as cousas estão nuas e descobertas aos olhos do Eterno. » (Heb. 4) Ultrajão pois a sua dignidade os que recorrem ás adivinhações para conhecerem o futuro. Contra estes, diz o propheta : « Acaso não consultará o povo ao seo Deos, hade ir fallar com os mortos acerca dos vivos ? » (Isai. 8)

62. A segunda razão que nos induz a ficarmos fieis ao culto do verdadeiro Deos, he sua liberalidade para connosco. Todos os bens nos vem d'elle como de fonte fecunda e inexaurivel. « Abrindo vós a vossa mão, Senhor, todos se encherão de bens. » (Psalm. 141) Esta bondade infinita não he um attributo menos essencial á Divindade do que a omni-scienza, e mesmo a palavra — *Deos* — traz

comsigo a ideia de um poder bemfazejo. Não seria pois o cumulo da ingratidão esquecer tudo que Deos fez por nós, abandonar seo culto, e adorar em seo logar vãos idolos, como os filhos de Israel depois da sahida do Egypto? Nós abandonamos o culto do verdadeiro Deos, quando pomos a nossa esperança em outra parte que não n'elle, quando pedimos a outros os soccorros de que temos necessidade. « Feliz d'aquelle, diz o propheta (Ibid. 39), que põe a sua esperança no nome do Senhor. » E o Apostolo : « Agora que conheceis a Deos, como puderieis voltar ao culto vergonhoso e frivolo dos elementos? » (Galat. 4)

63. A terceira razão que nos leva a não adorar senão a Deos, he a obrigação em que estamos de permanecermos fieis a nossas promessas. Nós renunciámos a Satanaz, e promettemos o nosso coração a Deos só esta obrigação he sagrada, e seria um crime vio-

lal-a. » Se o que infringia a lei de Moysés, era punido com a morte em presença de duas ou tres testemunhas, que supplicio não merecerá o que tiver calcado aos pés a lei do Filho de Deos, o que tiver em conta de profano o sangue da nova alliança, sangue precioso derramado sobre a terra para purificar o mundo, o que tiver ultrajado o Espirito Santo, dispensador das graças do Altissimo? » (Heb. 10). » A mulher que, em vida de seo esposo, passa para os braços de outro, he adultera » (Rom. 7) e merece ser queimada. Desgraçada pois da alma infiel, que se separa do Deos vivo para offerecer ao mundo um amor criminoso !

64. A quarta razão que nos convida a adorar somente a Deos, he a escravidão oppressora que o demonio faz pezar sobre seos adoradores. Ouve o que diz o Senhor aos Judeos rebeldes, pela bocca de Jeremias : « Servi-veis de noute e de dia os deoses extranhos,

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

que não vos deixarão um só instante de repouso. » (Ibid. 16). O demonio não se contenta com fazer-nos commetter um só peccado; elle nos conduz de culpas em culpas. Ora, o peccador he escravo do peccado, e não he sem difficuldade que se recobra a liberdade, uma vez que se tem soffrido o jugo das más paixões; he o que fazia dizer a S. Gregorio « A culpa que não he apagada pela penitencia, arrasta-nos cada vez mais para o abysmo do vicio. » Pelo contrario a submissão que Deos exige de nós, nada tem de penosa, porque a sua lei nada tem de pesada. « Vinde a mim, diz Elle, porque meo jugo he suave, e o meo peso leve. » (Math. 11). E com effeito tudo que Elle exige de nós, he que façamos por Elle o que fazemos pelo peccado. O que diz S. Paulo? » desenvolvei agora na pratica da virtude a força que tendes desenvolvido na pratica do mal. » (Rom. 6). Ha pois uma lei mais branda que a de Deos? quereis julgar

porem do peso do jugo de Satanaz? Meditai n'estas palavras que Salomão põe na bocca dos mãos « Nós nos cansamos no caminho da iniquidade e da perdição, e andámos por caminhos asperos. (Sap. 5). Meditai ainda n'estas palavras de Jeremias : « Os mãos fazem laboriosamente o mal. » (Hier. 3).

65. Emfim a quinta razão que nos convida a não adorar seño o verdadeiro Deos, he a immensidade da recompensa que reserva a seos servos. Em nenhuma lei se promettem premios taes, como na lei de Jesus Christo. Os Mahometanos esperão rios de leite e de mel, os Judeos a terra promettida, mas os Christãos esperão a gloria dos Anjos. « Elles serão, disse Jesus Christo, semelhantes aos Anjos de Deos no Ceo. » (Math. 22). Eis ahi porque Pedro dizia a seo devino Mestre « Senhor, para quem havemos nós de ir? tu tens palavras da vida eterna. » (Joan. 6).

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

Do Segundo Preceito da Lei

66. Não pronunciarás em vão o nome do Senhor teu Deus (Exod. 20). Tal he o segundo preceito da lei moral. Assim como não ha mais que um só Deus, a quem devemos adorar assim, tambem não ha mais que um só Deus a quem devemos respeitar sobre todas as cousas, e primeiramente quanto ao seu nome.

67. Cumpre porém notar que a palavra — *vão* — toma-se em tres sentidos differentes;
<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

algumas vezes ella quer dizer — *falso*, e he n'este sentido que a emprega o Rei propheta quando diz « Fallavão cousas *vaãs* ao seo proximo. (Psalm 11). He portanto pronunciar em vão o nome de Deos, invocar este nome sagrado para servir de apoio á mentira. « Guardai-vos de prestar falso juramento, » diz o Senhor pela bocca do propheta Zacharias. (Zach. 8). « Tu não viverás, porque dissestes mentira em nome do Eterno, » diz Elle ainda pela bocca do mesmo propheta. (Ibid. 13). He com effeito um crime invocar esse nome augusto para confirmar a mentira; he fazer injuria a Deos, mal a si mesmo, e aos outros homens. He fazer injuria a Deos, porque dar ao juramento a authoridade do seo nome, he invocar o seo testemunho; por consequencia quando se invoca este testemunho em apoio de uma mentira, ou imagina-se que Deos não conhece a verdade, e então faz-se injuria a sua sabedoria, e a sua omnis-

ciencia; ou suppõe-se que Elle ama a mentira, e então faz-se injuria a sua bondade; ou julga-se que Elle não pode manifestar a verdade ou punir a mentira, e então far-se injuria ao seo poder. He alem d'isto fazer mal a si mesmo, porque he submetter-se ao juizo de Deos. Dizer : Por Deos em como isto he assim, he dizer : Deos me puna se isto não he assim. Emfim he fazer mal a todos os homens, porque he destruir quanto em si cabe, o laço social que só existe pela confiança. O fim do juramento he tornar certo o que he duvidoso. » O juramento diz S. Paulo he a maior segurança para terminar todas as contendias. » (Hebr. 6). Assim pois aquelle que dá um falso juramento, insulta a gloria de Deos, offende a si mesmo, e offende aos outros.

68. *Não* he algumas vezes synonymo de *frívolo*, e he n'este sentido que o emprega o

Rei propheta quando diz : « O Senhor conhece os pensamentos dos homens, e sabe que elles são *vãos*. » (Psalm. 102). He pois pronunciar o nome de Deos em *vão*, o invocar sua authoridade para apoiar uma cousa frivola. A lei mosaica só prohibia o falso juramento ; mas a lei evangelica não permite jurar, mesmo para certificar uma cousa verdadeira, senão nos casos de extrema necessidade ; he o que vemos n'estas palavras de Jesus Christo : « Ouvistes que foi dito aos antigos ; não jurarás falso ; eu porém vos digo que absolutamente não jureis. » (Math. 5). A razão d'esta severa prohibição está na leviandade de nossa lingua, leviandade tal que nenhum de nós pode pôr-lhe um freio, e que nos expõe a perjurar pela menor cousa. He necessario pois segundo o preceito do Evangelho, não affirmar nada senão por estas duas simples palavras — *sim e não*. — Notai bem que succede com o juramento como com a medi-

cina ; he um recurso de que só se deve lançar mão nos casos de necessidade. Eis ahi porque Jesus Christo nos diz « Tudo que disserdes de mais, alem do *sim* e do *não* procededo mal. » (Math. 5). Eis ahi porque o Ecclesiastico nos diz tambem : « Não se acostume vossa bocca ao juramento, porque he este um habito mui perigoso. Não esteja pois sempre o nome de Deos e de seos Santos na vossa bocca, porque he isto uma profanação que não ficará impune. » (Eccl. 22).

69. Algumas vezes a palavra *vão* exprime a idea do *peccado* ou de injustiça, e he n'este sentido que a emprega o Psalmista : « Filhos dos homens até quando sereis de pesado coração ? Porque amais a *vaidade*. » (Psalm). He pois pronunciar o nome de Deos em *vão*, o obrigar-se por juramento a fazer o mal. O character da justiça he a pratica da virtude e o horror do crime. Se alguém jura commetter

um furto ou qualquer outra acção criminosa, pronuncia um juramento contrario á justiça, e he ao mesmo tempo um crime realisal-o, e um perjurio pronuncial-o. Tal foi o juramento pronunciado por Herodes, e que custou a vida de S. João Baptista. Pronuncia-se tambem um juramento contrario á justiça, quando se jura não fazer o que he bom, como por exemplo, não entrar na Igreja, ou em uma ordem religiosa ; e ainda que ninguem seja obrigado a cumprir semelhante juramento, he todavia um perjurio pronuncial-o. Assim pois, todo o juramento falso, frivolo, ou injusto he um peccado. Por isto nos diz o propheta ; » E jura-rás; vive o Senhor em verdade, em juizo, e em justiça. » (Hier. 4).

70. Emfim *vão* he algumas vezes synonymo de insensato ; e he n'este sentido que o emprega Salomão quando diz « São vãos todos os homens, nos quaes se não acha a sciencia

de Deos. » (Sap. 13). He portanto pronunciar em vão o nome de Deos blasphemar esse Nome augusto, e a lei mosaíca punia com a morte semelhante crime. (Lev. 25).

71. « Não pronunciarás em vão o nome do Senhor teo Deos. » Bom he saber que o nome de Deos pode ser pronunciado para seis fins diferentes. Primeiramente pode-se pronunciar-o para confirmar uma cousa verdadeira : confessa-se então que Deos he a verdade mesma , e uma tal confissão glorifica aquelle cujo testemunho se invoca. Por isso ordena-se no Exodo que ninguem jure senão pelo nome do verdadeiro Deos, e he violar este preceito jurar por outro qualquer nome : « Não jurarás pelo nome dos deoses extranhos. » (Exod. 22). Jura-se algumas vezes pelo nome das creaturas, mas notemos que he jurar ainda pelo nome de Deos. Jurar alguém pela sua alma, ou pela sua cabeça, he pôr sua vida nas

mãos de Deos que pune a mentira. « Eu chamo a Deos por testemunha sobre a minha alma, » diz S. Paulo aos Corinthios (2 Cor. 1). Jurar pelo Evangelho he tambem jurar por Deos, que deo o Evangelho ao mundo, e he um peccado invocar por cousa futil o testemunho de Deos ou do Evangelho.

72. Em segundo logar pode-se pronunciar o nome de Deos para a sanctificação da alma. He assim que o baptismo sanctifica. « Vós fostes lavados, diz S. Paulo, fostes santificados, fostes justificados em nome de Nosso Senhor Jesus Christo. » (1 Cor. 6). Ora, o que dá ao baptismo sua virtude sanctificante he a invocação da S. Trindade : « Senhor, diz Jeremias, vós estaes entre nós, e o vosso nome tem sido invocado sobre nós. (Hier. 14).

73. Em terceiro logar pode-se pronunciar o nome de Deos para repellir o espirito ma-

ligno, e he assim, que antes de recebermos o baptismo, renunciemos a Satanaz pela bocca de nosso padrinho : « Senhor, diz Isaias, seja o vosso nome invocado sobre nós, e vós nos livrareis da escravidão do peccado. » (Isai 40). Por consequencia, he ter pronunciado em vão o nome de Deos voltar ao peccado depois de ter renunciado a Satanaz, suas pompas e obras.

74. Em quarto lugar, pode-se pronunciar o nome de Deos, para confissar a fé que se tem n'este nome sagrado e para glorifical-o : « Como, diz S. Paulo, invocarião o Senhor os que não acreditão n'elle ? » (Rom. 1º). « Todo aquelle, diz o mesmo Apostolo, que invocar o nome do Senhor, e acreditar n'elle será salvo. » (Ibid.). Ora, ha duas maneiras de confessar o nome de Deos confessamol-o pela palavra, afim de manifestarmos a grandeza divina : « A todo aquelle que invoca meo No-

me, diz o Senhor, eu para minha gloria o criei. » (Isai 43). He portanto pronunciar o nome de Deos em vão fallar do Altissimo com irreverencia. Confessamos o nome de Deos pelas obras, quando estas servem para manifestar tambem a grandeza divina « Vejão os homens as vossas boas obras, diz Jesus Christo, e aprendão a glorificar vosso Pai que está nos Ceos. » (Math. 5). Quantas pessoas ha pelo contrario cujas obras servem aos homens de occasião para insultarem a magestade divina ! A ellas he que se dirijem estas palavras do Senhor « O meo nome he blasphemado por vossa causa entre as nações. » (Rom. 2).

75. Em quinto lugar, podemos pronunciar o nome de Deos para defender-nos contra as tentações do espirito maligno : « O nome do Senhor he um baluarte fortissimo atraz d'elle o justo está em segurança e affronta os

seos inimigos.» (Prov. 18). «He em meo nome, diz Jesus Christo, que os demonios serão expellidos. » (Marc 6). E esse nome, segundo está escripto nos Actos dos Apostolos, he o unico sobre a terra que pode salvar-nos. (Act. 4).

76. Em sexto logar podemos pronunciar o nome de Deos para darmos cumprimento ás nossas obras « Tudo quanto fizerdes, diz o Apostolo seja de palavra ou de obra, fazei tudo isto em nome de Nosso Senhor Jesus Christo.» (Col. 3). « O nosso apoio, diz o Psalmista, está no nome do Senhor.» (Psalm. 133). Mas todas as vezes que se não acaba uma obra começada em nome de Deos, como por exemplo, quando se não cumpre um voto feito livremente, pronuncia-se tambem em vão o nome de Deos. « Se fizerdes, diz o Ecclesiastico, algum voto ao Senhor, não tardeis em cumpril-o. » (Eccl. 5). porque uma promessa infiel e leviana lhe desagrade.

Do Terceiro Preceito da Lei

77. « Lembra-te de sanctificar o dia de sabbado. » (Exod. 20). Tal he o terceiro preceito da lei moral, e com razão he elle o terceiro. Primeiramente devemos honrar a Deos do intimo do coração, e he o que se nos ordena n'este preceito: « Não terás deoses extranhos. » Em segundo logar devemos honral-o pela palavra, e he o que se nos ordena n'este preceito: « Não pronunciarás em vão o nome do Senhor teo Deos. » Em terceiro logar devemos hon-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

ral-o pelas obras, e he o que se nos ordena n'este preceito : « Sanctificai o dia de sabba-do. » Deos quiz que houvesse um dia especialmente consagrado ao seo culto, e o quiz por cinco razões principaes.

78. A primeira he a destruição do erro. Bem previa Elle em sua sabedoria que viria uma epocha em que certos homens ousariam affirmar a eternidade do mundo, em que, segundo as expressões do Apostolo S. Pedro » espiritos desvairados pelas luzes enganadoras da razão dirião : « O que he feito da promessa da resurreição? desde que nossos pais durmião o somno da morte, nada tem mudado, tudo permanece eternamente o mesmo. Insensatos ! como se a origem do universo não tivesse podido preceder o nascimento de seos pais; como se o Ceo e a terra não pudessem ser destruidos depois d'elles para dar logar a nova terra e novo Ceo ! » (2 Petr. 3). Era necessario pois

que houvesse um dia especialmente consagrado ao culto divino, afim de que essa solemnidade recordasse continuamente aos homens que Deos creou o mundo em seis dias, e que descansou no setimo. Os Judeos observavão o sabbado em memoria da primeira criação ; mas Jesus Christo fez sahir uma nova criação do seio da primeira o homem celeste foi creado depois do homem terrestre. » Depois da vinda de Jesus Christo, diz S. Paulo, a circuncisão não tem mais valor moral : a humanidade foi renovada pela graça, e creada uma segunda vez pela resurreição do Filho de Deos. » (Galte. 6). Da mesma maneira que Jesus Christo resuscitou dentre os mortos para sentar-se á direita de seo Pai, assim tambem nós recebemos segundo nascimento que nos dá direito á herança celeste ; e se o Filho de Deos morreo como um mortal, os mortaes devem, como Elle, renascer para nova vida. » (Rom. 6). Ora, a resurreição de

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

Jesus Christo tendo tido logar no Domingo, he este o dia que nos observamos em meino-ria da nova criação da humanidade, do mes-
me modo que os Judeos observão o sabbado
em memoria da criação primitiua do mundo.

79. Em sêgundo logar Deos poz este pre-
ceito para ensinar aos homens a crer no
Redemptor. A corrupção não attingio o cor-
po de Jesus Christo; Elle mesmo disse pela
bocca do propheta : « Minha carne descansará
na esperança da vida, e Deos não permittirá
á corrupção aproximar-se de meo corpo sa-
grado. » (Psalm. 15). Quiz Deos rtanto poque
se sanctificasse o dia de sabbado, afim de que
o descanso dos homens n'esse dia solemne
fosse symbolo do descanso da carne do Re-
demptor no sepulchro, assim como os sacri-
ficios sanguinolentos erão o symbolo da sua
morte. Nós não conservamos os sacrificios san-
guinolentos da antiga lei, porque as imagens

e os symbolos devem cessar quando a realidade se mostra, do mesmo modo que a sombra desaparece quando o sol brilha no horizonte. Entretanto o sabbado ainda he honrado entre nós, sendo especialmente consagrado á gloriosa Virgem Maria, a qual no dia em que seo divino Filho descansava no tumulo, nada perdeu do ardor de sua fé.

80. Em terceiro lugar poz Deos este preceito para confirmar a verdade de sua promessa. O que nos he promettido he o descanso : « n'aquelle dia, diz Isaias, Deos vos fará descansar dos vossos trabalhos, e de vossa antiga escravidão. » (Isai 14). « Meo povo, diz o Senhor, sentar-se-ha na formosura da paz, nos tabernaculos da segurança, e na abundancia de todos os bens. » (Ibid 32). Observai que nossa esperança he descansar de tres cousas : dos trabalhos da vida presente, da perseguição da carne, e da escravidão do

demonio. Esta promessa do descanso Jesus Christo nol-a renovou, dizendo « Vinde a mim todos que estaes em trabalho, e vos achaeis carregados, eu vos alliviarei. Tomai sobre vós o meo jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para vossas almas. Porque meo jugo he suave e meo peso leve.» (Math. 11). Se Deos trabalhou durante seis dias, e só descansou no setimo, foi para nos mostrar que devemos pôr a ultima demão em nossas obras antes de procurar o descanso : « Trabalhei pouco e achei muito descanso, » diz o Ecclesiastico. (Eccles. 31). O que são porem as penas d'esta vida em proporção da tranquillidade de que gozaremos na vida futura? O tempo da eternidade excede incomparavelmente mais a todo o tempo presente, do que mil annos a um dia.

81. Em quarto lugar Deos pôz este preceito

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

para entreter nos homens o amor divino. « O corpo que se corrompe, faz pesada a alma ; » (Sap. 10). E por isso tem o homem necessidade de fazer muitos esforços para erguer-se de baixo do peso que o opprime, para não estar sempre curvado sobre a terra. Convem pois que haja epocha determinada em que elle possa desprender-se do seio da terra, e arrojarse ao mundo espiritual. Para alguns esta epocha não he fixada, antes volta a cada instante. « Bemdirei ao Senhor em todo o tempo, diz o Psalmista, e o seo louvor estará continuamente em minha bocca. » (Psalm. 33). « Orai sem interrupção, » diz S. Paulo aos fieis. (1 Thes. 5). Para essas almas escolhidas a vida inteira he um sabbado continuo. Para outros esta epocha volta com pequenos intervallos de tempo : « Senhor, diz ainda o Psalmista, eu cantei os vossos louvores sete vezes por dia. » (Psalm. 33). Emfim para as almas ordinarias volta esta epocha uma vez por se-

mana, e o dia em que ellas devem occupar-se exclusivamente das cousas do Ceo, foi determinado com receio de que, entregues a sua propria discrição, não perdessem inteiramente o amor divino. « Se chamares o sabbado delicado, diz Isaias, tu te deleitarás no Senhor. » (Isai 58) « Então, diz Job, abundarás em delicias no Todo-Poderoso, levantarás teu rosto para Deos. » (Job. 22.) Com effeito não foi este dia destinado para frivolos divertimentos, mas para a supplica e o serviço divino. Por isso diz S. Agostinho, que será peccado menos lavrar a terra em tal dia, do que entregar-se a regosijos mundanos.

82. Em quinto lugar, Deos poz este preceito para obrigar os Senhores a deixar algum descanso a seos escravos. Sem esta ordem emanada do Ceo, os ricos não cessariam, desapiedados como são para si mesmos e para os seos domesticos, de trabalhar no augmento

de suas riquezas perecedouras ; o que se applica principalmente aos Judeos pois que são de uma sordida e excessiva avareza. E 'eis ahi porque Moysés lhes recommenda tão instantemente que interrompão toda a especie de trabalho no dia de sabbado : « Não farás, diz Elle, trabalho algum n'este dia, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu.....; para que descance o teu escravo e a tua escrava, como tu tambem descanças. » (Deut. 5). Taes são pois as principaes razões pelas quaes Deos quiz que houvesse um dia especialmente destinado a seo culto.

83. Lembra-te de sanctificar o dia de sabbado. » Os judeos segundo dissemos, celebrão o sabbado, e nós os christãos os Domingos e as outras festas principaes. Vejamos pois como devemos celebrar estes dias solemnes. Observemos primeiramente que Deos

não disse : « Observa o dia de sabbado ; mas sim : lembra-te de sanctificar o dia de sabbado. » Ora, a palavra — *santo* — tem duas accepções differentes : algumas vezes ella he synonymo de — puro, — como n'esta passagem das Epistolas de S. Paulo : « Vós haveis sido lavados, haveis sido sanctificados. » (1 Cor. 6). Outras vezes he synonymo de — *sagrado* — : assim uma cousa he santa quando he consagrada ao culto de Deos, como uma Igreja, um calice. Devemos portanto celebrar os dias de festa de duas maneiras, a saber, purificando nossos corações, e consagrando nosso descanso ao serviço divino. Por consequencia ha duas cousas a examinar no preceito que nos occupa : primeiramente o que devemos evitar, depois o que devemos fazer em um dia de festa.

84. Nós devemos evitar tres cousas : a primeira he o trabalho corporal : « Sanctificarás

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

o dia de sabbado, e não farás n'elle nenhuma obra servil, » diz-se em Jeremias; (Hier. 17) e o mesmo preceito se encontra no Levitico (Levit. 23). Ora, o trabalho corporal he uma obra servil, ao passo que o trabalho do espirito he uma obra livre, uma obra a que nenhum homem pode ser coagido. Notemos porem que o trabalho corporal pode ser permitido em um dia de festa por quatro motivos principaes. Primeiramente por causa da necessidade. Assim Jesus Christo não censurou os seus discipulos por arrancarem espigas em um campo no dia de sabbado. Em segundo lugar por amor do interesse da Igreja. Assim lemos no Evangelho que os Sacerdotes fazião n'esse dia tudo que era necessario no templo. Em terceiro lugar por amor da utilidade do proximo. Assim Nosso Senhor Jesus Christo curou em dia de sabbado um homem que tinha a mão secca, e confundio os Phariseos que lhe exprobravão sua acção, citando-lhes

o exemplo da ovelha perdida. Em quarto lugar por amor da authoridade superior. Assim Deos ordenou aos Judeos que se circuncidassem em dia de sabbado.

85. A segunda coisa que devemos evitar em dia de festa he o peccado. « Guardai as vossas almas, diz-se em Jeremias, e não queiraes trazer cargas no dia de sabbado. » (Hier. 17). Ora, a carga das almas he o peccado. « O peso de minhas iniquidades, diz o Psalmista, me opprime como um pesado fardo. » (Psalm. 37). O peccado tambem he uma obra servil, porque segundo a expressão de S. João : « Aquelle que faz o peccado he o servo do peccado. » (Joan. 8). Por conseguinte o preceito que nos foi dado de não praticarmos nenhuma obra servil durante o dia consagrado ao Senhor, pode extender-se a toda a acção má, e he violar esse preceito peccar então, pois que o peccado he obra servil, em-

prehendida em tal dia, he uma offensa feita a Deos. « Não posso, diz Elle aos Judeos, suportar por mais tempo os vossos sabbados e as vossas festas. » E por que razão ? « Porque a injustiça reina em vossas assembleas. A minha alma detesta vossas calendas e as vossas solemnidades ; ellas tem-se-me tornado molestas. » (Isai. 1).

86. Em terceiro logar devemos evitar a negligencia : « A ociosidade he a mãe de todos os vicios » diz o Ecclesiastico (Eccli 33). « Trabalhai sempre em alguma boa obra, escreve S. Jeronymo a Rustico, afim de que o demonio vos ache occupado. » Convem pois não celebrar senão as festas principaes, se nas outras deve o homem ficar ocioso. « A honra do Rei está em amar o juizo » isto he a discrição (Psalm. 93). Lemos no livro dos Machabeos, que os Judeos tendo sido surprehendidos por seos inimigos em um dia de sabbado,

deixarão-se vencer e matar, porque julgarão que lhes era prohibido combater e defender-se em semelhante dia. He assim que se deixão surprehender e vencer pelo demonio aquelles que ficão ociosos durante os dias de festa. Mas os Judeos reconhecerão o seo engano e resolverão « combater dahi em diante todo aquelle que viesse ataca-los em dia de sabbado. » (1 Mach. 2). Assim tambem devem os fieis resistir em todo o tempo ás tentações do espirito maligno, e não temer pôr em pratica nenhuma obra boa durante os dias consagrados ao Senhor.

87. « Lembra-te de sanctificar o dia de sabbado. » Como já dissemos, o homem deve sanctificar os dias de festa. E fizemos notar tambem que a palavra *santo* tem duas significações differentes ; que ora se toma no sentido de — *puro* ; — ora no sentido de — *consagrado a Deos*. Emfim mostramos o que se

deve evitar nos dias especialmente consagrados ao serviço divino. Resta-nos mostrar o que se deve fazer durante estes mesmos dias. Ora, tres são as cousas de que devemos occupar-nos então.

88. Primeiramente devemos offerecer ao Senhor um sacrificio agradavel. Lemos na lei mosaica que Deos ordenara aos Judeos que lhe sacrificassem todos os dias dous cordeiros, um de manhã, e outro á tarde, e que dobrassem o numero das victimas no dia de sabbado. Este preceito nos ensina que devemos redobrar de zelo e de piedade durante os dias especialmente consagrados ao culto divino, fazer então tudo que depende de nós para testemunharmos ao Senhor o reconhecimento, que Elle tem direito a esperar de suas creaturas; porquanto segundo a expressão do Rei propheta « Tudo lhe pertence, e nós não fazemos mais que restituir-lhe o que

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

d'elle recebemos.» (Psalm. 29). Não podemos, he verdade, immolar-lhe muitas victimas sobre seos altares, porque a lei evangelica veio abolir os sacrificios sanguinolentos da antiga lei ; mas podemos offerecer-lhe nossas almas em holocausto, isto he, chorar nossos peccados e dirigir-lhe fervorosas supplicas : « O sacrificio adoravel ao Senhor, diz o Psalmista, he um coração contricto e penetrado de arrependimento. » (Psalm. 50). « Senhor, diz Elle ainda, suba direito a minha oração como incenso em tua presença. » (Ibid. 113). Os dias de festa são consagrados ás alegrias graves e serias, ás alegrias que experimenta o espirito, e que a oração faz nascer. Podemos tambem affligir nossa carne com jejuns « Eu vos rogo pela misericordia de Deos, diz S. Paulo aos fieis, que offereçaes vossos corpos como hostia viva, santa e agradavel a Deos. » (Rom. 12). Podemos ainda offerecer a Deos um sacrificio de louvores : « Sacrificio

de louvor me honrará, » diz o mesmo Senhor pela bocca do Psalmista (Psalm. 44). E eis ahi porque as Igrejas retumbão em taes dias com piedosos canticos em honza do Eterno. Emfim podemos offerecer a Deos o sacrificio de nossos bens caducos fazendo abundantes esmollas : « Não esquegaes, diz o Apostolo, os deveres da caridade, e o laço fraterno que vos une. » (Heb. 13): He esse um sacrificio que agrada ao Senhor, e que deve ser mais abundante nos dias de festa, que são consagrados á alegria geral : « Mandai aos indigentes o seo quinhão, dizia Nehemias aos Judeos livres do captiveiro ; porque he hoje a festa dos tabernaculos, e todos devem regozijar-se no Senhor. » (Neem. 8).

89. Em segundo lugar, devemos nutrir-mos com a palavra de Deos. Assim o fazem os Judeos que no dia de Sabbado leem e meditão o antigo Testamento. (Act. 13). Os christãos

cuja piedade deve ser mais perfeita que a dos Judeos, são pois obrigados a assistir, nos Domingos e dias de festa, aos officios divinos, e a ir recolher nas Igrejas o alimento celeste que os ministros do Senhor distribuem do alto da cadeira evangelica. « Aquelle que he de Deos, ouve as palavras de Deos. » (Joan. 8). Devem igualmente não ter senão conversações piedosas : « Não saia da vossa bocca uma só palavra má, diz o Apostolo ; se tendes alguma cousa boa a dizer, dizei-a para edificação de vosso proximo. » (Ephes. 4). Ouvir o que he bom de ouvir-se, dizer o que he bom dizer-se, eis ahi duas cousas eminentemente uteis ao peccador ; porque mudão seo coração, e lhe inspirão o amor da virtude. « Às minhas palavras, diz o Senhor, são como fogo que queima, e como martello que quebra a pedra. » (Hier. 23). Pelo contrario os mesmos justos deixão-se arrastar ao mal, ouvindo o que não devem ouvir, dizendo o que não de-

vem dizer : « As más conversações corrompem os bons costumes, diz o Apostolo ; velai pois na vossa salvação, vós que andaes no caminho da justiça, e guardai-vos do peccado. » (1 Cor. 15). « Senhor, exclama o Psalmista, eu conservo a vossa palavra no fundo de meo coração. » (Psalm. 118). A palavra divina esclarece o ignorante, he uma « luz que guia seos passos » segundo a expressão do Rei propheta. (Ibid.) Ella inflamma tambem os corações tibios, e os enche de ardor. (Psalm. 104).

90. Em terceiro lugar devemos entregar-nos á contemplação de Deos; mas este dever he só para os homens perfeitos. « Descançai, e vede quanto o Senhor he suave. » (Psalm. 46). A contemplação he o repouso da alma; a alma fatiga-se como o corpo, e como elle tem necessidade de descansar. Ora, o asylo onde pode achar descanso he Deos. « Senhor, sêde meo abrigo e meo refugio, » diz o Psalmista.

(Ibid 30). « Entrarei em minha morada, e descansarei no seio da sabedoria, » diz Salomão. (Sap. 8).

91. Mas antes que a alma possa chegar a esse grao ultimo de descanso, he mister que ella passe por tres outros graos successivos de repouso. Primeiramente he mister que esteja ao abrigo das agitações que nascem do peccado : « O coração do impio he como um mar agitado, que nada pode acalmar. » (Isai. 57). Depois deve pôr-se fóra do alcance das paixões carnaes, porque a carne conspira contra o espirito, do mesmo modo que o espirito conspira contra a carne. Emfim deve abandonar toda a occupação mundana. « Martha, Martha tu andas muito inquieta, e te embaraças cuidando em muitas cousas; entretanto uma só cousa he necessaria. » (Luc. 10). He depois de ter passado, digo, por estes tres graos successivos de repouso, que a alma

chega ao mais alto grau de socego, e descanso no seio de Deos. « Se chamares o sabbado delicado, então te deleitarás no Senhor » diz o propheta (Isai 58). He para chegarem a esse termo que os Santos tudo abandonarão sobre a terra. O descanso he a perola inestimavel de que falla o Evangelho, e que aquelle que a encontra, compra mesmo á custa de todos os seos bens. O descanso he a vida eterna, he a eterna felicidade. Assim possamos nós obter-a ! Assim possa cada um de nos repetir, fallando da celestial Jerusalem, estas palavras do Rei propheta : « Este he o meo descanso para sempre : aqui habitarei porque o escolhi. » (Psalm. 131).



Do Quarto Preceito da Lei

92. « Honrarás a teu Pai e a tua Mãe. » A perfeição do homem consiste no amor de Deus e do próximo. Ao amor de Deus se referem os três preceitos gravados sobre a primeira taboa que Deus deu a Moisés; ao amor do próximo se referem os outros sete preceitos gravados sobre a segunda taboa da lei, mas como diz S. João, « nós devemos amar não de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade. » (Joan. 3). O homem,

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

cujo coração he penetrado de um amor verdadeiro, deve evitar o mal, e fazer o bem ; e he por isso que os preceitos da lei moral ora são negativos e prohibem o mal, ora positivos e ordenão o bem. Está sempre em nosso poder evitar o mal, mas não está sempre em nosso poder fazer o bem ; e he o que fez dizer a S. Agostinho que nós somos obrigados a amar a todos os homens, mas não somos obrigados a beneficiar a todos, mas sómente aos que nos são conjunctos, por quanto aquelle que não cuida dos seos, e principalmente dos domesticos, he infiel e não christão. Ora, entre todos os viventes os que nos são mais intimamente ligados são nosso Pai e nossa Mãi ; e por isso diz S. Ambrosio « que em primeiro lugar devemos amar a Deos, em segundo a nosso Pai e a nossa Mãi. » E he o que diz o preceito divino, quando nos manda honral-os.

93. Porque devemos honral-os ? Um philo-

sopho respondeo a esta questão dizendo que a grandeza dos beneficios que d'elles recebemos não nos permite tratál-os como nossos iguaes. Assim um Pai offendido por seo filho póde mui bem lançal-o fóra de sua casa, mas o inverso disto não pode ter logar. Quaes são pois os beneficios que recebemos de nossos Pais? Tres. Primeiramente recebemos a vida « honra a teo Pai, diz o Ecclesiastico, e não te esqueças das dores que custastes a tua Mãi; lembra-te que não terias nascido sem sua intervenção. » (Eccl. 7). Em segundo logar o alimento, o arrimo a nossa fraqueza, e tudo quanto he necessario á vida. O homem entra nú e fraco n'este mundo; mas os que lhe derão a vida não o abandonão em sua fraqueza e miseria, antes o sustentão. Em terceiro logar devemos a educação e a instrucção « Nossos Pais carnaes, diz o Apostolo, forão nossos primeiros mestres. » (Hebr. 12). « Se tens filhos, diz o Ecclesiastico, ensina-os bem. »

(Eccles. 17) Ora duas cousas principaes devem os Pais ensinar a seos filhos; o temor de Deos, e o horror do peccado. E mui cedo lhes devem dar este ensino salutar; por quanto segundo as santas Escripturas, « o homem que anda no bom caminho desde sua infancia, não se desviará d'elle em sua velhice; » (Prov. 22) E « feliz aquelle que desde a mocidade foi submettido ao jugo da virtude. » (Thren. 2). Tal foi o ensino saudavel que o piedoso Tobias deo a seo filho, e todos os Pais devem imitar, o exemplo d'este santo varão. Quão criminosos não são pois aquelles que se delectão com a malicia de seos filhos ! Mas como diz Salomão : « Todos os filhos que nascem do peccado, são testemunhas da maldade contra seos Pais » (Sap. 6) E Deos pune os Pais nos filhos.

94. Nossos Pais portanto nos derão a vida, o alimento, e a educação. « E já que temos

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

d'elles a vida, devemos respeitál-os mais do que os servos a seos senhores, ainda que menos que as creaturas a seo Creador. « O que teme ao Senhor, diz o Ecclesiastico, honra a seos Pais, e servirá quasi como a seos senhores, aos que o gerarão, em acções, em palavras, e em toda a sorte de paciencia. Honra pois a teu Pai e tua Mãe para que venha sobre ti a benção de Deos.» (Eccles. 3). Não he, além d'isto, honrar-nos a nós mesmos honrarmos os authores dos nossos dias? Não diz o mesmo Ecclesiastico que «a gloria do homem provem da honra de seo Pai, e o desdouro do filho de um Pai sem honra? » (Ibid.) Do mesmo modo, já que elles nos alimentarão em nossa infancia, nós devemos por nossa vez alimentá-los em sua velhice : « Filho, diz ainda o Ecclesiastico ampara a velhice de teu Pai, e não lhe dês pezares em sua vida ; e se lhe forem faltando as forças, supporta-o, e não o desprezes por poderes mais do que elle. Quão in-

fame he o que desampara seo Pai, e quão amaldiçoado o que exaspera sua Mãi !» (Ibid.)

95. Para confusão e vergonha dos máos filhos basta que olhem para a piedade filial da cegonha. Quando a velhice, diz Cassiodore, enfraquecendo as azas de seos progenitores, torna os incapazes para procurarem por si mesmos o alimento, a ternura da ave supprime seo vigor extinto : ella aquece com suas penas seos membros intorpecidos, traz-lhes os alimentos que achou, reanima suas forças abatidas, e por um piedoso reconhecimento presta sendo moça, aos que lhe derão a vida, os cuidados que d'elles recebera em seos dias de fraqueza. Emfim, já que nossos Pais forão nossos primeiros mestres, nós devemos obedecer-lhes : « Filhos, diz o Apostolo, obedeei a vossos Pais, » (Collos. 5) excepto no que he contrario á Religião ; por quanto segundo se exprime S. Jeronymo, he o unico caso em que

a desobediencia he um dever e a revolta uma piedade. « Aquelle que não abandona a seo Pai e a sua Mai para me seguir, diz Christo, não pode ser meo discipulo ». (Luc 14). « Acaso não he teo Pai aquelle que te protege, que te fez e te creou ». (Deut. 32).

96. « Honra a teo Pai e a tua Mãi. » Entre todos os preceitos, só a este ajuntou o Legislador a promessa de uma recompensa e esta recompensa he a de longa vida sobre a terra. A razão d'isto he que Elle não queria deixar acreditar que o respeito filial fosse uma virtude sem merito, porque he uma virtude natural. Mas convem saber que ha cinco cousas desejaveis, que são promettidas aos que honrarem seos Pais.

97. A primeira recompensa promettida ao respeito filial, he a graça no presente, e sobre tudo a gloria no futuro. « Honra teo Pai e tua

Mãe, diz o Ecclesiastico, afim de que a benção divina venha sobre ti. » (Eccl. 3). O contrario he devido aos que os offendem, e estes são amaldiçoados de Deos na lei antiga, por quanto diz se no Evangelho : « O que he iniquo nas pequenas cousas, tambem o he nas grandes. » (Luc 17). Mas a vida natural nada he por assim dizer, quando a comparamos á vida da graça. Se portanto deixaes de reconhecer o beneficio d'esta vida natural que recebestes de vossos Pais, tornaes-vos indigno da vida da graça que lhe he superior, e por consequencia da vida da gloria, que he ainda superior á vida da graça.

98. A segunda recompensa promettida ao respeito filial, he « uma longa carreira. » Deos nos ordena que honremos nossos Pais, afim de vivermos muito tempo sobre a terra. « Aquelle que honra seo Pai, diz o Ecclesiastico, gozará de mais longa vida. » Notai po-

rem que a vida he longa quando he plena e que tem por medida não o numero dos annos, mas o das acções, como disse um philosopho. Ora, a vida he plena quando he virtuosa, e por consequencia o homem virtuoso e santo vive muito tempo, ainda mesmo quando sua morte he prematura em relação aos annos. « O justo, diz Salomão, tendo vivido pouco, encheo a carreira de longa vida : porque a sua alma era agradavel a Deos, por isso se appressou a tiral-o do meio das iniquidades humanas. » (Sap.4). Tem de certo grande lucro, aquelle que ganha em um dia o que outrem ganha apenas em um anno. E notai que algumas vezes uma vida mui longa, he a causa de uma morte funesta quer para o corpo, quer para a alma, bem como aconteceu a Judas. Assim repito, uma das recompensas prometidas ao respeito filial he longa vida sobre a terra ; dahi pois se segué que a morte he a justa punição dos que injurião a seos Pais ;

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

por quanto nos recebemos a vida de nossos Pais, assim como os guerreiros recebem um feudo de seo rei; e da mesma maneira que os vassallos infieis merecem perder o feudo que receberão de seo soberano, assim os máos filhos merecem perder a vida que receberão de seos Pais. « Aquelle que escarnea de seo Pai, e despreza sua Mãi, merece ter os olhos arrancados pelos corvos que andão a borda das torrentes, e devorados pelos filhos da agúia. » (Prov. 30). Os filhos das aguias são os reis e os principes; os corvos são os officiaes de justiça. Se alguma vez os máos filhos escapão ao castigo corporal, não podem comtudo escapar á morte espirital. Por isso não devem os Pais deixar muito poder aos filhos. « Em quanto viveres e respirares, diz o Ecclesiastico, nenhuma pessoa te faça mudar sobre este ponto; » Não dêes em tua vida poder sobre ti nem a teu filho, nem a tua mulher, nem a teu irmão, nem a teu amigo; e não dêes a outrem os

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

bens que possues, para que não succeda arrependeres-te d'isso, e ficares reduzido a pedir-lhes com deprecações. » (Ibid. Eccl. 33).

99. A terceira recompensa promettida ao respeito filial, he a felicidade de ter filhos agradecidos e affectuosos. Naturalmente o Pai enthesoura para seos filhos ; mas o inverso não se realisa : « Aquelle que honra seo Pai; diz o Ecclesiastico, achará sua alegria nos seos filhos. » (Eccl. 3). « Com a medida com que medirdes vos medirão tambem a vós. » (Math. 7).

100. A quarta recompensa promettida ao respeito filial he uma reputação honrosa, porque um filho se honra honrando seo Pai, e cobre-se de vergonha abandonando-o « A gloria do homem provem da honra de seo Pai. Quão infame he o que o desampara ! » (Eccl. 3).

101. A quinta recompensa emfim he a propriedade, porque, segundo o Ecclesiastico, a benção dos Pais fortifica a casa dos filhos, e a maldição da mãe as destrohe pelos alicerces (Ibid.).

102. « Honra a teu Pai, etc. » Convem notar que o nome de Pai não se applica somente a aquelle que nos deu a vida, mas a toda a pessoa que merece nosso respeito e nossa veneração por qualquer titulo que seja. Assim chamamos Pais aos Apostolos e outros santos personagens, que são para nós modelos de doutrina e de fé. « Podeis, diz S. Paulo aos Corinthios, ter mil pedagogos, que vos ensinem a doutrina de Christo, mas não tendes muitos Pais espirituaes; pois só eu vos gerei em Jesus Christo pelo Evangelho. » (1 Cor. 4). « Louvemos, diz o Ecclesiastico, aos varões gloriosos de outro tempo, que tambem são vossos Pais. » (Eccl. 45). Sim, louvemos esses

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

homens illustres, e seja nossa veneração comprovada não por vãs palavras, mas pela imitação de sua vida. Ora, se quizermos imitar verdadeiramente a vida dos grandes personagens que admiramos, he necessario que as suas virtudes revivão em nós : « Lembrai-vos diz S. Paulo, lembrai-vos dos vossos prelados que vos ensinarão a palavra de Deos, e cuja fé haveis de imitar. » (Heb. 13). Os prelados merecem igualmente o nome de pais, e também tem direito ao respeito e á veneração, pois são os ministros de Deos. Não disse Jesus Christo a seos Apostolos : « Quem vos ouve, ouve-me a mim, e quem vos despreza, me despreza ? » (Luc. 10). Devemos portanto honrar aos prelados, e ser-lhes submissos ; e pagar-lhes o dizimo. « Obedecei aos vossos superiores, diz o Apostolo, e sêde-lhes sujeitos. » (Heb. 13). « Honra o Senhor com a tua fazenda, diz Salomão, e dá-lhe das premicias de todos os teos fructos. »

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

(Prov. 3). Os reis e os principes tambem merecem o nome de Pais, e na Escriptura santa vemos que este nome lhes era outr'ora concedido. He o titulo mais glorioso que se lhes pode dar, e serve de os advertir que se achão collocados sobre o throno para velarem na felicidade dos povos, e que devem considerar seos subditos como seos filhos. Tal he o dever dos reis para com os povos ; e o dos povos para com os reis he ter-lhe respeito filial, e testemunhar-lhes esse respeito por uma inteira submissão. « Todo o homem, diz o Apostolo, seja sujeito ás potestades que o governão. » (Rom. 13). Ora, essa submissão não deve vir somente do temor, mas tambem do amor ; ella he recommendada não só pela razão, mas ainda pela consciencia. Com effeito segundo o Apostolo, todo o poder vem de Deos, e por consequencia devemos render homenagem a quem he de direito. « Meo filho, diz Salomão, teme a Deos, e ao rei. » (Prov.

14). Nossos bemfeitores são também nossos Pais : « Sê piedoso para com os orphãos como Pai, » diz o Ecclesiastico (Eccl. 5). Com effeito a beneficencia he um attributo da paternidade : « Não te esqueças nunca, diz ainda o Ecclesiastico, da graça que te fez o que ficou por teu fiador. » (Ibid. 39). O esquecimento dos serviços recebidos he ingratidão odiosa, por isso lemos no livro da Sabedoria que a esperanza do ingrato se derreterá como o gelo do inverno, e se perderá como uma agua inutil. » (Sap. 14). Finalmente o titulo de Pai he ainda devido ao velho « Pergunta a teu Pai, diz a Escriptura santa, e elle te informará ; pergunta aos teos maiores, e elles te dirão. » (Deut. 32). « Levanta-te diante dos que tem a cabeça cheia de cãens, e honra a pessoa do velho. » (Lev. 19). No meio dos magnates não te iguaes com elles, e onde estão os velhos não falles muito. » (Eccl. 22). « Ouvi em silencio, e á proporção da tua modestia ser-

te-ha conciliada a boa graça. » (Ibid.). Assim pois o preceito que nos dá o Senhor de honrarmos a nossos Pais, applica-se igualmente aos velhos, aos nossos bemfeitores, aos nossos chefes tanto espirituaes como temporaes, porque todos estes representam de certo modo nosso Pai que está no Ceo, e desprezal-os he desprezar a Deos.

Do Quinto Preceito da Lei

103. « *Não matarás.* » A lei divina ordenando-nos que amemos a Deos e a nosso proximo, manda-nos não só que façamos o bem, mas ainda que evitemos o mal. Ora, o maior mal que podemos fazer a nosso proximo he tirar-lhe a vida. « Não matarás » tal he o preceito que prohiibe o homicidio. Este preceito porem tem dado logar a tres interpretações igualmente falsas.

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

104. Certos philosophos pretenderão que não he mesmo permitido matar os animaes. Mas esta opinião he evidentemente erronea ; porque não pode ser um crime usar o homem d'aquellas cousas que estão sujeitas ao seo poder. He da ordem natural que as plantas sirvão de pasto aos animaes, que certos animaes a seo turno sejam preza dos outros, e que os reinos animal e vegetal forneção ao homem os alimentos que lhe são necessarios : « Eu vos entreguei todas as creaturas vivas, assim como todos os vegetaes. » (Gen.11). São estes os termos em que o proprio Deos confirmou aquella ordem natural tão antiga como o mundo. Um philosopho tinha dito que a caça assemelha-se a guerra legitima, e S. Paulo declara expressamente « que se pode comer de tudo que se vende na praça, etc. » (1 Cor. 10).

105. Outros pensarão que erã prohibido

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

tirar a vida ao homem de qualquer maneira, e seja porque motivo fôr. Assim os juizes seculares que condemnão os criminosos á pena de morte, fazendo applicação da lei, são para elles homicidas. Mas esta doutrina he infundada ; e S. Agostinho faz uma observação que a destroe : he que Deos não podia tirar a si mesmo o direito de vida e de morte, dando áquelle preceito direito que Elle reconheceo em si, dizendo : « Eu matarei e eu farei viver. » (Deut. 32). D'ahi se segue que os juizes seculares tambem tem o direito de condemnar a morte os criminosos, porque não são mais que os executores da vontade de Deos, e he Elle que pronuncia a sentença dos culpados. Toda a lei he um decreto divino. « Por mim reinão os reis, e por mim decretão os legisladores o que he justo. » (Prov. 8). « Se obrares mal, diz S. Paulo, teme ; porque não he debalde que os magistrados estão armados com a espada da justiça ; elles são os minis-

tros do Todo-Poderoso. » (Rom. 13). Sabe-se que a lei mosaica punia com a morte os menores delictos. O que he permeltido a Deos, he permeltido aos seos ministros em virtude do mandato que d'elle receberão ; e de certo Deos não he culpado quando pune o crime com a morte, pois he Elle o legislador supremo. « A morte he o premio do crime » segundo a expressão do Apostolo (ibid. 6); por consequencia os ministros de Deos tambem não são culpados executando seos decretos soberanos. O verdadeiro sentido do preceito he pois este; « Não matarás de tua propria authoridade. »

106. Emfim tem-se pretendido que esse preceito só he relativo ao homicidio commetido na pessoa de outrem; e porque elle nos prohibe matar nosso proximo, concluiu-se que nos permite matar-nos a nós mesmos. A historia nos refere mais de um exemplo d'essas mortes voluntarias. Assim he que pereceo

Samsão debaixo das ruínas do palacio cujas columnas abalara com seo braço; que Catão se trespassou com sua espada; e que essas virgens de que falla S. Agostinho se arrojão no meio das chammas. Mas o mesmo escriptor sagrado, contando este ultimo rasgo, tem o cuidado de accrescentar : « Aquelle que se mata, tira a vida a um homem. » Se pois he um crime matar um homem, a não ser pela authoridade de Deos, he igualmente crime matar-se a si proprio, a não ser por authoridade de Deos, ou inspiração do Espirito Santo, como succedeo a Samsão. Logo « Não matarás. » Mas convem saber que ha muitas maneiras de ser-se homicida.

107. Em primeiro logar mata-se com as mãos. « Nossas mãos estão cheias de sangue » diz o Senhor aos Judeos criminosos (Isai 1). Este acto de horrivel ferocidade não he somente um attentado contra a lei divina da ca-

ridade, pela qual nos he ordenado que amemos a nosso proximo como a nós mesmos : « nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si mesmo » (1 Joan. 3) ; mas he tambem um attentado contra a natureza, por quanto « todo o animal ama naturalmente seo semelhante. » (Eccl. 13). Por isso diz-se no Exodo : O que ferir a um homem com tenção de o matar, será punido com a morte. » (Exod. 21). Esta punição he de certo legitima. O homicida he um monstro mais cruel do que o lobo das florestas, que recua ao aspecto do sangue de outro lobo.

108. Mata-se ainda com a bocca, e isto excitando o odio contra alguem, accusando-o, calumniando-o. « Temei os filhos dos homens, diz o Psalmita ; os dentes d'elles são armas e settas, e a sua lingua espada aguçada. (Psalm. 56).

109. Mata-se concorrendo para o homicídio : « Filho meo não vás com elle, guarda-te de andar pelas suas veredas. Porque seos pés correm para o mal, e se dão pressa a derramar o sangue. » (Prov. 3).

110. Mata-se consentindo no homicídio. « São dignos de morte, diz o Apostolo, não só os que praticão o crime, senão também os que consentem que elle se realise. » (Rom. 1). Ora, he consentir de certo modo no crime, deixal-o commetter quando se pode impedir a sua execução : « Tira do perigo aquelles que são levados á morte, » diz o autor dos Proverbios (Prov. 25). He ser emfim homicida o não salvar um desgraçado quando se pode, e abandonal-o ou por negligencia ou por egoismo : « Nutri o pobre que morre de fome, diz S. Ambrosio ; se não tendes piedade d'elle, sois vos que o mataes. » E cumpre saber que se pode matar o corpo sem matar a alma, ou

matar a alma sem matar o corpo, e que ha casos em que se pode matar o corpo e a alma ao mesmo tempo. Mata-se o corpo derramando o sangue, e mata-se a alma arrastando-a ao peccado mortal : « O demonio, diz-se na Escriptura, foi homicida desde o começo do mundo. » (Joan. 8). Foi homicida por isso que arrastou o homem ao peccado. Ha dous casos em que se mata ao mesmo tempo a alma e o corpo : o primeiro he quando se tira a vida a uma mulher grávida, porque então o golpe que a fere mata igualmente o corpo e a alma da creança que ella traz em seo ventre; e o segundo he quando alguém se mata a si mesmo.

111. « *Não matarás*, Jesus Christo nos ensina no Evangelho, que nossa justiça deve ser mais perfeita que a dos escribas e phariseos querendo nos dar a entender por este modo que devemos ser mais zelosos no cumprimento

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

da lei nova, do que o erão os Judeos da lei antiga. E a razão d'isto he que, quanto maior he a recompensa, tanto mais esforços se deve fazer para alcançal-a : « O que semeia pouco, diz o Apostolo, tambem colherá pouco. » (2 Cor. 9). Ora, a lei mosaica promettia á virtude recompensas temporaes e terrestres : « Se obedecerdes a minha voz, diz o Senhor pela bocca do propheta Isaias, gozareis de todos os bens da terra. » (Isai. 1). Mas a lei evangelica promette aos fieis recompensas eternas : por conseguinte a justiça, que não he outra cousa mais do que a observancia dos mandamentos divinos, deve ser mais zelozamente praticada pelos christãos do que pelos Judeos, pois tambem he maior a recompensa que lhes he rêservada. Entre outros preceitos que Jesus Christo nos deu a este respeito, mencionaremos o seguinte : « Ouvistes que foi dito aos antigos Não matarás. Eu porem vos digo, que todo que se ira contra seu

irmão, será reo no juízo. » (Math. 5). Isto he, merece ser condemnado á pena que a lei mosaica inflige aos assassinos, quando diz : « Se alguém matar a seo proximo de caso pensado e á traição, tu o arrancarás do meo altar para que morra. » Devemos porem evitar a ira de cinco maneiras.

112. Primeiramente devemos ter cuidado em não encolerisar-nos sem reflexão : « Cada um de vos, diz o Apostolo S. Tiago, seja prompto para ouvir, porem tardo para fallar, e tardo para se irar. » (Job. 1). A razão disto he que a ira he um peccado, que não pode ficar impune. Mas toda a ira he contraria á virtude ? Esta questão tem sido resolvida diversamente. Os estoicos pretenderão que os sabios não experimentão paixão alguma ; ainda mais, fazião consistir a verdadeira virtude na tranquillidade da alma. Os peripateticos de sua parte, disserão que os sabios podem

experimentar um movimento de ira moderada; e esta opinião he a mais verosimil, pois he fundada ao mesmo tempo sobre a authoridade e o raciocinio. He fundada sobre a authoridade, por que vemos no Evangelho certas paixões attribuidas a Jesus Christo, esse modelo divino da perfeita sabedoria. He fundada sobre o raciocinio, por quanto se todas as paixões fossem contrarias á virtude, haveria certas potencias d'alma que seriam inuteis, ou antes funestas, pois só se revelariam por uma acção desordenada. Assim Deos teria dado ao homem para sua desgraça a faculdade que chamamos irascivel, e a que produz o desejo. He mister pois convir que a ira umas vezes he criminosa, e outras não ; por quanto a palavra ira exprime tres cousas differentes. Primeiramente ella applica-se a um simples juizo que a razão pronuncia sem a menor emoção d'alma : esse juizo da razão não he a ira propriamente dita ; he uma sentença recta, pois

quando Deos pune os mãos não ouve os conselhos do furor, mas da justiça. A Escriptura santa falla muitas vezes da ira do Senhor, mas dando a esta expressão o sentido de equidade. He n'este sentido que se deve interpretar-a quando o propheta diz : « A ira do Senhor cahirá sobre mim, porque pequei contra Elle. » (Mich. 7). A palavra ira exprime tambem uma paixão; n'este sentido a ira não pertence mais á razão, porém á sensibilidade. Como paixão he umas vezes criminosa, e outras legitima. Com effeito ainda que não pertence á razão, a ira deixa-se algumas vezes governar por esta faculdade superior, que a contem em justos limites; como, por exemplo, quando alguém se irrita a proposito, com medida e por uma causa que o merece. Então longe de ser peccado, a ira he um acto de virtude, um zelo generoso : o que fez dizer a um philosopho que a verdadeira mansidão não consiste em nunca irar-se. Outras vezes a ira

recusa obedecer aos conselhos da razão, e permanece toda debaixo do imperio da sensibilidade : n'este caso somente he que ella se torna um peccado ; mas esse peccado ora he venial, ora mortal, segundo o gráo de força do movimento apaixonado que o produz. O peccado he mortal ou por sua natureza, ou pelas circumstancias. O homicidio parece ser um peccado mortal por sua natureza, porque he directamente opposto ao preceito divino ; e por conseguinte o consentimento que a razão presta a execução de semelhante crime he tambem um peccado mortal por sua natureza, porque se o acto he mortal, a intenção que precede o acto deve sê-lo igualmente. Mas pode acontecer que um acto criminoso seja peccado mortal por sua natureza, e que todavia o movimento apaixonado que excita a commettel-o, não seja peccado mortal ; e he o que succede quando esse movimento apaixonado não obtem o consentimento da razão. Assim,

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

quando um movimento de concupiscencia nos impelle a buscar prazeres criminosos, e a razão lhes recusa sua approvação, esse movimento apaixonado não he mais um peccado mortal. O que dizemos da concupiscencia, podemos dizel-o da ira. A ira he com effeito o movimento apaixonado que impelle o homem a vingar-se de uma injuria recebida : he esta sua verdadeira definição. Se pois este movimento apaixonado tem um tal character de violencia, que a razão não pode resistir a seo arrastamento, e vê-se forçado a obedecer-lhe, então elle toma o character de peccado mortal. Se pelo contrario não he bastante-mente violento e tyrannico para arrancar á razão seo consentimento e a sua approvação, em tal caso fica-lhe o character de peccado venial. Accrescentemos que se um movimento apaixonado excita alguém a um acto que não he peccado mortal por sua natureza, elle conserva sempre o character de peccado venial,

ainda que obtenha o consentimento da razão. Por consequencia, a ira que Jesus Christo qualificou de crime dizendo « Todo o que se irrita contra seo irmão será reo no juizo » deve entender-se de um movimento apaixonado em que consentio a razão, e tendente a offender o proximo, o que lhe dá o character de peccado mortal. Devemos pois evitar a ira porque he um peccado : « De tudo quanto se commette fará Deos dar conta em seo juizo em attenção de todo o erro, seja boa ou má essa cousa, qualquer que for. » (Eccles. 12). Devemos ainda evitar a ira para conservarmos essa independencia cujo amor he innato ao coração do homem, assim como o he o odio da escravidão. Ora, o que se abandona á sua ira não he senhor de si, não he livre : « Quem poderá, diz o author dos Proverbios resistir ao impeto de um homem concitado? » (Prov. 27). « A pedra he pesada, e a areia he carregada ;

mas a ira do insensato pesa mais que uma e outra. » (Ibid.).

113. Dissemos que o homem deve primeiro que tudo ter cuidado em não encolerizar-se sem reflexão. Em segundo lugar elle deve acautelar-se para não conservar longo resentimento : « Se vos irardes, diz o Psalmista, seja sem peccar. » (Psalm 4). « Não se ponha o sol sobre a vossa ira, » accrescenta o Apostolo. (Ephes. 4). E por que razão? Nosso Senhor nol-o explica no Evangelho ; « Concereta-te sem demora com o teu adversario, em quanto estás posto a caminho com elle ; para que não succeda, que elle adversario te entregue ao Juiz, e que o Juiz te entregue ao seu ministro ; e sejas mandado para a cadeia.

Em verdade te digo, que não sahirás de lá em quanto não pagares o ultimo ceutil.» (Math 5).

114. Em terceiro logar deve o homem acautelar-se afim de que sua ira não degenere em um sentimento mais criminoso ainda, isto he, em odio. Por quanto, ha esta differença entre a ira e o odio, que a ira he uma paixão repentina e pouco duradoura, ao passo que o odio he uma paixão perseverante e vivaz, sendo isto o que lhe dá o character de peccado mortal : « Todo aquelle que odeia seo irmão, diz S. João, he homicida ; » (1 Joan. 3). E a razão he que despojando-se da caridade, mata o seo proximo, e mata-se a si mesmo. « Não tenhaes demandas, diz tambem S. Ágostinho, ou se as tiverdes terminai-as o mais promptamente possivel, para que a ira que nos anima não degenere em odio ; nem faça de uma patinha uma trave, e não torne vossa alma homicida. » « O homem iracundo, diz o author dos proverbios, provoca rixas. » (Prov. 15). « Maldicto seja o seo furor, diz-se

no Genesis, porque he obstinado, e maldicta sua indignação porque he inflexivel. » (Gen. 49).

115. Em quartologar, deve o homem acautelar-se para que a sua ira não se manifeste por palavras amargas e violentas : « O fatuo, diz o author dos Proverbios, mostra logo a sua ira » (Prov. 12); e pode mostral-a de dous modos por injurias, e por uma linguagem cheia de orgulho e arrogancia. Quanto ao primeiro, diz Nosso Senhor : « O que tratar seo irmão de tolo será reo do fogo do inferno. » Quanto ao segundo diz Elle : « O que disser a seo irmão — *raca* — será reo no conselho. » (Ibid). A resposta branda, diz o author dos proverbios, quebra a ira ; a palavra dura suscita o furor. » (Prov. 15).

116. Em quinto logar, o homem deve

acautelar-se para que sua ira não se manifeste por acções. Todas as nossas obras devem ser inspiradas pela justiça e pela misericórdia ; ora, a ira acaba com a misericórdia e com a justiça. « A ira do homem, segundo expressão de S. Thiago, não realiza as obras de Deos. » Ainda que um homem irritado quizesse fazer o bem, não o poderia : e eis a haí porque um philosopho dizia ao seo escravo que tinha commettido uma falta : « Eu te puniria se não estivesse irritado. » « A ira não tem misericórdia, diz o author dos proverbios, nem o furor que rompe. » (Ibid). « Commetterão o homicidio em seo furor, » diz-se no Genesis.(Genes.49). Jesus Christo pois teve razão quando nos prohibio não só o homicidio, mas tambem a ira, porque esta he a origem d'aquelle. Um bom medico não se contenta de fazer desaparecer os symptômas exteriores do mal, mas o destrohe ainda em sua raiz,

afim de que não re-appareça mais. Jesus Christo que he o grande medico das almas, quiz por isso destruir em nós os principios do peccado, e sobretudo a ira, que he o principio do homicidio.

Do Sexto Preceito da Lei

177. « *Não commetterás adulterio, etc.* » Depois de ter prohibido o homicidio, o legislador supremo nos prohibe o adulterio, e consequentemente, pois que o homem e a mulher, graças ao casamento, tornão-se um só e mesmo corpo : « Serão dous diz o Senhor, em uma só carne. » (Gen. 2). Por conseguinte, depois do assassino que ataca o proximo em sua pessoa e vida, o inimigo mais perigoso para o homem he o libertino que o ataca na pessoa

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

e na hora d'aquella que he sua ametade. O adulterio he igualmente prohibido ao marido e á mulher. Entretanto convem consideral-o primeiramente em relação á mulher, porque esse crime parece maior quando he ella que o commette. A esposa adultera commette tres peccados gravissimos, que são indicados n'estes termos : « Toda a mulher que deixa seo marido, torna-se primeiramente desobediente á lei do Altissimò; em segundo logar pecca contra seo marido; emfim viola a castidade conjugal. » (Eccles. 22).

118. Ella pois pecca antes de tudo por incredulidade, isto de muitas maneiras. Por quanto, não acreditou na palavra do Senhor que prohibio o adulterio; obra contra a ordem de Deos, que quer que a união do homem e da mulher seja indissoluvel. « Não separe o homem o que Deos ajuntou, » diz Elle em S. Matheos (Math. 19); obra contra os

estatutos da Igreja, que abençoou seo casamento ; viola o juramento que pronunciou á face do Ceo tomando a Deos por testemunha e garante da fé jurada. « O Senhor diz o propheta, foi testemunha entre ti e a esposa da tua mocidade, que depois desprezastes. » (Malach 2). Assim a mulher pecca por incredulidade obrando contra a lei divina, contra os estatutos da Igreja, e contra a santidade do sacramento estabelecido pelo proprio Deos.

119. Em segundo logar pecca por traição, porque abandonou seo esposo. « A mulher, diz o Apostolo, não tem poder no seo corpo, mas tem-no o marido. » (1 Cor. 7). Pór isso não lhe he permittido guardar a continencia sem o consentimento d'aquelle que tem todo o poder sobre sua pessoa. Se ella commette portanto o adulterio, torna-se criminosa de traição, entregando-se a outrem, bem como o servo infiel entregando-se a novo senhor

« Deixa o guia de sua puberdade, e se tem esquecido do pacto do seo Deos. » (Prov. 2).

120. Em terceiro logar pecca pela commissão de um furto, porque introduz na casa conjugal os filhos de um extranho, e lhes entrega a herança paterna, o que he um grande furto que faz a seos filhos legitimos. A mulher adúltera deveria, pelo menos, diminuir a enormidade da sua culpa, dedicar ao estado religioso os fructos de seo amor criminoso, ou tomar outro qualquer expediente licito, afim de que elles nunca tivessem parte na successão de seo marido. Assim pois a mulher adúltera he criminosa de sacrilegio, de traição e de furto.

121. O marido adúltero não he menos criminoso, bem que muitas vezes seja indulgente para com suas proprias fraquezas e

digo que não he menos criminoso por tres razões.

122. Primeira razão. A mulher tem sobre elle os mesmos direitos que elle sobre a mulher. «O marido, diz S. Paulo, não tem poder sobre o seo corpo, mas tem-no a mulher.» (1 Cor. 7). Assim como esposos, o homem e a mulher achão-se em mutua dependencia um do outro, e os deveres do casamento são os mesmos para ambos. Para significar essa dependencia mutua dos esposos, he que Deos formou a mulher de uma das costellas do homem, e não de outra qualquer parte do corpo humano. O casamento nunca foi o que deve ser senão depois da promulgação da lei christã. Entre os Judeos era permittido a um homem ter muitas mulheres, mas não o era a uma mulher ter muitos maridos. Não havia portanto igualdade de direitos e de deveres entre o esoso e a esposa.

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

123. Segunda razão : a força he o attributo do homem, e a fraqueza o da mulher. A paixão, por assim dizer, propria da mulher, he o amor; a fragilidade d'este sexo he pois uma especie de excusa a suas faltas (1 Petr. 3). E o marido que exige de sua mulher uma fidelidade que elle mesmo não quer guardar, he um tyranno injusto.

124. Terceira razão. O homem tem authoridade sobre a mulher, e he o seo chefe. Por isso devem as mulheres, segundo o preceito do Apostolo, guardar respeitoso silencio na Igreja, e contentarem-se com interrogar seos maridos na casa conjugal. O homem tem pois a missão de guiar a mulher, de esclarecel-a com suas luzes; e eis ahi porque foi a elle que Deos deo seos preceitos e suas leis. Ora, o desprezo das leis e dos preceitos de Deos he mais criminoso em um sacerdote do que em um leigo, mais em um bispo do que em um

simples sacerdote. Por quanto os ministros da Religião tem a missão de instruir os outros homens, e esta missão he um dever mais rigoroso para aquelles que estão mais elevados na hierarchia ecclesiastica. Da mesma maneira o esposo sendo o guia e o chefe da esposa, he mais criminoso do que ella em calcar aos pés a santidade do casamento commettendo um adulterio. Entretanto attendão bem ás mulheres, e não esqueção o preceito que Jesus Christo lhes deo « Mulheres obedeei aos vossos maridos, fazei tudo que elles vos ordenarem, porém guardai-vos de seguir os máos exemplos que vos derem. » (Math. 22).

125. « Não commetterás adulterio. » Dissemos que este preceito refere-se tanto ao marido como á mulher. Accrescentemos que certas pessoas, não obstante, reconhecerem que o adulterio he um crime, com tudo não acreditão que a simples fornicção seja um peccado

mortal. Mas esta opinião he destruida por estas palavras de S. Paulo : « Deos julgará os fornicarios e os adulteros » (Heb. 13) ; e por est'outra passagem do mesmo Apostolo : « Não vos enganeis, nem os fornicarios, nem os adulteros, nem os effeminados, nem os sodomistas hão de possuir o reino de Deos. » Ora, a unica cousa que pode fechar ao homem a entrada do reino celeste he um peccado mortal; por consequencia a simples fornicção he um peccado mortal. Mas, direis vos, como a simples fornicção pode ser peccado mortal, pois que ella não mancha como o adulterio o corpo de uma esposa? A isto respondo que, si não mancha o corpo de uma esposa, mancha o corpo de Jesus, Christo que de nós se apossa no momento do baptismo. Se pois he um crime deshonnar a pessoa do proximo, muito maior crime he ainda ultrajar a Christo mesmo. » Não sabes, diz S. Paulo aos fieis, que os vossos corpos são membros de Christo?

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

E como haveis de fazer dos membros de Christo os membros de uma vil prostituta, manchando-os pela fornicção? Longe de vós semelhante peccado. » (Ibid.).

126. He portanto heresia dizer que a simples fornicção não he peccado mortal. Digamos ainda que o preceito que nos occupa, se o interpretarmos em seo sentido verdadeiro e completo, não prohibe somente o adulterio, mas tambem todos os prazeres carnaes, excepto os que o casamento tem legitimado. Accrescentemos alem d'isto que segundo certas pessoas, a união dos sexos no casamento não he exempta de peccado : mas esta doutrina he ainda uma heresia. » « Seja por todos tratado com honra o matrimonio, diz o Apostolo, e o leito sem macula. » (Hebr. 13). Algumas vezes a união dos sexos no casamento, longe de ser peccado, he mesmo uma obra meritoria; he o que succede quando os espo-

sos tem a caridade. Com effeito quando ella he acompanhada da intenção de augmentar as creaturas de Deos procreando filhos, toma o character de um acto de virtude; quando he acompanhada da intenção de cumprir um dever, conserva ainda o character de um acto de justiça. Entretanto ella pode tornar-se conforme as circumstancias, peccado venial ou mortal. Quando não tem outro fim senão satisfazer os appetites grosseiros da carne, mas sem degenerar em libertinagem, tem o character de peccado venial, quando excede as necessidades da natureza; e os limites severos do casamento, toma character de peccado mortal. Digamos agora porque o adulterio e a fornicção são prohibidos. Ha muitos motivos para esta prohibição.

127. Primeiro motivo. A libertinagem perde a alma : « O esposo adultero, diz o author dos proverbios, perde sua alma por causa da fra-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

queza de seo coração. » (Prov. 6) Esta expressão — fraqueza de seo coração — significa a cobarde complacencia que o espirito tem para com a carne.

128. Segundo motivo. A libertinagem merece a morte. O esposo adultero deve morrer, segundo o preceito da lei mosaica. Elle pode escapar ao castigo n'esta vida; mas esta impunidade he uma desgraça para elle; por quanto os castigos soffridos com resignação sobre a terra alcanção ao criminoso a remissão de suas culpas. Esta impunidade, alem disto, não será de longa duração; e se elle poude subtrahir-se á justiça humana, não evitará de certo a justiça divina.

129. Terceiro motivo. A libertinagem he causa de ruina. Assim o filho prodigo de que se falha no Evangelho dissipou todo o seo patrimonio, vivendo na desordem e na devas-

sidão. « Não te entregues ás voluptuosidades dos sentidos, diz o Ecclesiastico, para que te não deites a perder a ti e a tua herança. » (Eccles. 9).

130. Quarto motivo. A libertinagem avilta até as innocentes victimas que tirarão a vida d'esta fonte impura. « Os filhos dos adulteros, diz Salomão não prosperarão, e a linhagem do thalamo iniquo será exterminada. E ainda quando forem de larga vida, serão reputados como cousa de nenhuma entidade, e a sua ultima velhice será sem honra.» (Sap. 3). Nunca um bastardo he promovido ás dignidades ecclesiasticas, e quando muito pode-se, sem deshonra para a Igreja, deixal-os no ultimo gráo da clericatura.

131. Quinto motivo. A libertinagem he uma deshonra para os que se entregão a ella, e especialmente para as mulheres. « Toda a

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

mulher qoe he prostituta diz o Ecclesiastico, será pisada como o esterco em o caminho. » E quanto ao homem, diz Salomão, que « elle ajunta para si a infamia e a ignominia, e não se apagará o seo opprobrio. » (Prov.1). S. Gregorio tambem diz que os peccados da carne são mais infames e menos condemnaveis do que os do espirito. E a razão he porque elles nos rebaixão até á ordem dos brutos, de sorte que o homem, n'este estado de abjecção, merece mais desprezo do que censura. « O homem, quando estava na honra não o entendeu: foi comparado aos brutos irracionais, e se fez semelhante a elles. » (Psalm. 43).

Do Setimo Preceito da Lei

132. « *Não furtarás.* » O legislador supremo nos impoz sobre todas as cousas a lei de não offendermos ao nosso proximo. Elle nos prohibio primeiramente que o atacassemos em sua pessoa « *Não matarás;* » tal he o primeiro artigo da lei. Prohibio-nos depois que o atacassemos na pessoa que mais de perto lhe toca, e que he a sua metade : « *Não commetterás adulterio.* » Tal he o segundo artigo da lei. Depois nos prohibio que o ata-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

cassemos em seos bens : « Não furtarás; » tal he o terceiro artigo da lei. Digamos que este ultimo artigo diz respeito a todo o modo injusto de aquisição. Ha muitas maneiras de furtar.

133. Primeiramente furta-se quando se apossa ás escondidas do que pertence a outro : « Se o pai de familia soubesse a que hora tem que vir o ladrão, etc. » (Math. 24). Este modo de furtar he tão vil quanto criminoso; he uma especie de traição « Sobre o ladrão está a confusão. » (Eccles. 5).

134. Em segundo lugar furta-se tirando abertamente e pela força o que se quer possuir. Este genero de furto he ainda mais criminoso pela audacia que revela, e o nome de salteadores infama aquelles que o commettem : « Fizerão violencia diz Job, roubando aos pupillos. » (Job. 24). Entre esses taes se

devem contar aos máos principes e os máos reis. Um propheta os comparou a « leões que procurão a preza rugindo. » (Soph. 3). E de certo merecem mais o nome de salteadores e de tigres que o de principes e de reis; pois fazem sentar comsigo o crime sobre esse throno em que Deos lhes manda que fação sentar a justiça; revoltão-se contra o Sobe-rano dos Ceos « pelo poder do qual reinão e governão. » (Prov. 8). Umas vezes elles empregão a astucia, outras vezes a força, outras a authoridade das leis para despojarem; « Aí dos que estabelecem leis iniquas, » diz Isaias (Isai. 10). E Santo Agostinho tambem diz que todo o imposto que não he ordenado pela justiça, he um furto feito aos pobres, e accrescenta: « O que he a realleza senão um latrocinio? »

135. Em terceiro logar, furta-se não pagando a cada um o que lhe he devido. Assim

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

he commetter um furto não pagar o trabalho do jornaleiro, não dar a um principe, a um prelado, a um simples clerigo o que se he obrigado a dar-lhe : « Dai a cada um o que lhe he devido, diz S. Paulo : a quem tributo, tributo, a quem imposto, imposto. » (Rom. 13). Não devemos uma recompensa aos reis que velão pela nossa segurança e tranquillidade?

136. Em quarto logar, furta-se commettendo uma fraude no commercio; e he por isto que se diz no Deuteronomio : « Não te servirás de pesos differentes. » (Deut.). E no Levitico : « Não faças cousa injusta no juizo, na vara, no peso, na medida. Seja justa a balança, e iguaes os pesos; justo o alqueire, e justo o sextario. » (Levit. 19). « Ter um peso e outro peso, diz o author dos proverbios, he abominação diante de Deos : a balança enganosa não he boa. » (Prov. 20). O preceito que prohibe o homem furtar o bem de outro he a con-

demnação d'esses taverneiros que avidos de ganho, falsificão as bebidas que vendem ; e he tambem a condemnação dos usurarios « Senhor, diz o Psalmista, quem habitará no teu tabernaculo? O que não deo á usura o seu dinheiro. » (Psalm. 14). He enfim a condemnação de todos que se entregão a um trafico injusto e fraudulento. Mas, dirão, porque não se ha de vender o uso do dinheiro, como se vende o de um cavallo ou de uma caza? Responde-se a isto que não he permittido vender duas vezes o mesmo objecto. Ora, em uma caza ha duas cousas a considerar, o uso e a propriedade. Estas duas cousas são differentes, e eu posso vender o uso sem vender a propriedade; o mesmo succede com todos os objectos do commercio que dão logar a semelhante distincção; mas ha objectos cujo valor consiste inteiramente no uso que se faz d'elles. Não se pode pois vender o seu uso separadamente da propriedade, como se pode

fazel-o com uma caza. Assim o dinheiro não tem valor senão em quanto serve para as nossas despesas e circula no commercio ; o trigo não tem valor senão em quanto serve para o nosso alimento ; por conseguinte vender separadamente o uso e a propriedade d'esses objectos he vender duas vezes a mesma cousa, pois que elles não tem outro preço senão o que he inherente a seo gozo.

137. Em quinto lugar, furta-se comprando as dignidades ou temporaes, ou espirituaes. Quanto ás primeiras, diz Job : « O ambicioso vomitará as riquezas que devorou, e Deos lh'as arrancará do ventre. » (Job 20). Toda a usurpação pois, quer de um reino, quer de uma provincia, quer de um feudo, he um furto, e os usurpadores são obrigados a restituir a quem fôr de direito o que adquirirão pela violencia e a injustiça. Quanto ás segundas, lemos no Evangelho : « Em verdade, em

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

verdade vos digo; que o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse he ladrão e roubador. » (Joan.10). Por consecuencia, a simonia he um furto.

138. « Não furtarás, etc. » Este preceito, como dissemos, prohiibe toda a especie de aquisição injusta; e muitas razões nos induzem a observal-a.

139. A primeira he a gravidade da culpa que elle condemna, a qual he assemelhada ao homicidio : « A vida dos pobres he o pão de que necessitão; aquelle que lh'o defrauda he um homem de sangue. »(Eccles.34).« Aquelle que derrama sangue e defrauda o jornaleiro são irmãos. » (Ibid.).

140. A segunda he a grandeza do perigo que acompanha semelhante culpa. Não ha

peccado tão perigoso como o furto. Com effeito, nenhum peccado he perdoado antes que o criminoso tenha feito a reparação, e se ache arrependido. Ora, qualquer arrepende-se bem depressa de todos os outros peccados, por exemplo, do homicidio quando a ira tem cessado, da fornicção quando o fogo da concupiscencia tem-se extinguido. Mas quanto ao furto, bem que se possa arrepender d'elle algumas vezes, todavia não se effectua facilmente a reparação, sobre tudo sendo-se obrigado a restituir não só o que se furtou, mas ainda a repôr o damno que pode resultar do furto, alem do mesmo furto. Eis ahi porque se diz na Escriptura santa « Ai d'aquelle que accrescenta o que não he seo ! até quando amontoa elle tambem contra si o denso lodo ? » (Macc. 2). Este denso lodo exprime os embaraços que o cercão, e que serão obstaculo á reparação de sua culpa.

141. A terceira razão que deve afastar o homem do furto, he a inutilidade dos bens mal adquiridos; elles de nada servem debaixo do ponto de vista espiritual : « Os thesouros da impiedade de nada servirão. » (Prov. 10). Com effeito, as riquezas, debaixo do ponto de vista espiritual devem ser empregadas no allivio dos desgraçados e em obras piedosas : « O resgate da vida do homem são as suas riquezas. » (Prov. 13). Mas essas obras piedosas são sem merito quando provem de uma fonte corrompida : « Amo a justiça, diz o Senhor, e aborreço os holocaustos que vem de rapinas. » (Isai. 61). « Aquelle que offerece sacrificio da substancia dos pobres, he como o que degolla um filho na presença de seo pai. » (Eccles. 35). Esses bens não são mais proveitosos debaixo do ponto de vista temporal, pois que elles durão pouco : « Ai d'aquelle que ajunta bens por uma avareza criminosa... e que julga livrar-se da mão do mal. » (Alau.

2). « Aquelle que amontoa riquezas por meio de usuras e interesses injustos, ajunta-as para o que ha de ser liberal com os pobres. » (Prov. 28). « Os bens do peccador estão reservados para o justo. » (Ibid.).

142. A quarta razão que deve afastar o homem de todo o meio de aquisição injusta, he o mal que d'ahi resulta para si ; por quanto os bens mal adquiridos fazem perder até os que se possuem legitimamente. Uma ruina completa aguarda aquelle que quer augmentar sua fortuna por meios criminosos « A chamma devorará a caza dos que enriquecem pela rapina. » (Job. 15). Accrescentemos que elles não se perdem a si sós, mas perdem tambem aos seos filhos, porque estes são obrigados a restituir o que seos pais injustamente adquirirão.

Do Oitavo Preceito da Lei

143. « Não dirás falso testemunho contra teu proximo. » Até qui prohibio-nos que offendessemos nosso proximo por acções; agora prohibe-nos que o offendamos por palavras. Tal he o sentido d'este preceito : « Não dirás falso testemunho contra teu proximo. » A violação d'elle pode ter logar ou em juizo, ou no commercio ordinario da vida.

144. Em juizo pode este preccito ser vio-
<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

lado de tres maneiras, visto que pode sê-lo por tres pessoas; a saber, o accusador, a testemunha, e o juiz. He violado pelo accusador quando a accusação intentada perante os tribunaes he falsa « Não serás delator de crimes, nem mexeriqueiro entre o povo. » (Levit. 19). Mas note-se que assim como se não deve accusar falsamente o proximo, assim tambem não se deve calar a verdade a seo respeito : « Se teu irmão peccar contra ti, vai, e corrige-o, » diz-se no Evangelho. (Math. 18). He violado o preceito pela testemunha, quando o depoimento dado em apoio da accusação ou da defeza, não exprime a verdade : « A testemunha falsa não ficará impune, » diz o author dos Proverbios. (Prov. 19). E com effeito, he este um crime que encerra em si todos os outros de que precedentemente temos fallado, por quanto, os que o commettem, merecem umas vezes o nome de homicidas, outras vezes o de ladrões, etc. Elles devem soffrer a pena a

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

que os condemna a lei mosaica : « Quando depois de exactissima averiguação tiveram conhecido que a testemunha falsa se arrojou a dizer uma mentira contra seo irmão, tratalo-hão como elle tinha intento de tratar a seo irmão. Não terás misericordia com elle, mas fazer-lhe-has pagar vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé. » (Deut. 19). « O homem que diz falso testemunho contra seo proximo, he um dardo, he uma espada, he uma frecha penetrante, » diz o author dos Proverbios. (Prov. 25). O preceito he violado pelo juiz, quando a sentença que elle pronuncia não he justa « Não julgarás injustamente, diz-se no Levitico ; não tenhas respeito á pessoa do pobre, nem attendas a caza do poderoso. Julga teo proximo segundo a justiça. (Levit. 19).

145. No commercio da vida peccão contra o preceito que nos occupa, cinco especies de

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

homens. Primeiramente, os que dilacerarão a reputação de outrem « Os detractores são aborrecidos de Deos, » diz S. Paulo (Rom. 1). E se o Apostolo assim se exprime, he porque nada he tão caro ao homem como a sua fama : « Melhor he o bom nome do que os balsamos preciosos. » (Eccles. 7). « Mais vale o bom nome, do que muitas riquezas. » (Prov. 22). Ora, o veneno da calumnia mata a reputação. « Aquelle que detrahe occultamente de outrem, não he menos do que uma serpente que morde á calada. » (Eccles. 10). Não ha pois esperança de salvação para os que commettem este infame peccado, a menos que restituão a suas victimas o thesouro da fama que lhes roubarão. Em segundo lugar, peccão contra o preceito divino os que ouvem complacientemente o mal que se diz do seo proximo : « Cerca os teos ouvidos com espinhos, diz o Ecclesiastico; não queiras ouvir a lingua damnada, e poem na tua bocca portas e fecha-

duras. » (Eccles. 28). Não se deve dar ouvidos complacentes á maledicencia e á calumnia ; deve-se pelo contrario mostrar ao máldizente e ao calumniador um semblante onde a severidade pinte a indignação. « O vento do aquílão dissipa as chuvas, e o rosto triste a lingua do.maldizente. » (Prov. 25). Em terceiro logar peccão contra o preceito os enredadores, que gostão de repetir o que ouvem. « Seis são as cousas que o Senhor aborrece, e a sua alma detesta a setima, isto he, o que semeia a discordia entre os seos irmãos. » (Ibid. 6). « O mexeriqueiro e o homem de duas linguas he maldicto ; porque porá em perturbação a muitos que tem paz. (Eccles. 28). Em quarto logar, peccão contra o preceito os lizongeiros ou aduladores « O peccador he louvado nos seos desejos criminosos, diz o Psalmista, e o iniquo he abençoado. » (Psalm. 9). « Povo meo, diz o Senhor, os que te chamão feliz, esses mesmos te enganão. » (Isai. 3). « O justo,

diz o Rei propheta, me corrigirá, e me increpará com misericordia ; mas o azeite do peccador não chegue a ungir a minha cabeça. » (Psalm. 14). Em quinto logar peccão contra o preceito divino os que murmurão continuamente; e he esta uma falta que os pobres commettem muitas vezes contra o poder que os governa. « Não murmureis, diz S. Paulo aos fieis. » (1 Cor. 10). « Guardai-vos da murmuração, diz Salomão, porque ella nada aproveita. » (Sap. 1). « O principe mitigar-se-ha pela paciencia, e a lingua branda quebrantar a dureza. » (Prov. 25).

146. « *Não dirás falso testemunho, etc.* » N'este preceito prohibe-se ao homem toda a especie de mentira. « Guarda-te de toda a mentira diz o Ecclesiastico, porque nada he mais funesto do que o habito de mentir. » (Eccles. 7). E isto por quatro razões. Primeiramente o habito de mentir assemelha o ho-

mem ao demonio. O mentiroso he filho do diabo. Pela linguagem do homem conhece-se sua religião e sua patria : « A tua linguagem tornou-te conhecido », diz-se no Evangelho. (Math. 26). Assim, certos homens são da familia do demonio, e são chamados filhos do diabo porque fallão uma linguagem mentirosa, e porque Satanaz he o espirito do erro e o pai da mēntira. Elle mēntio aos nossos primeiros pais, dizendo-lhes : não morrereis. » (Gen. 3). Outros são filhos de Deos porque fallão uma linguagem verdadeira, e porque Deos he a verdade mesma. — Em segundo lugar o habito da mentira tende á dissolução da sociedade. O laço que une os homens, e os faz viver juntos, he a confiança, e não poderia existir confiança se a franqueza e a verdade fossem banidas da terra. » Renunciando á mentira, diz S. Paulo, falle cada um a seo proximo a verdade, pois somos membros uns dos outros. » (Ephes. 6). Em

terceiro lugar, o habito da mentira faz perder ao homem a reputação. O que tem este funesto habito, não inspira mais confiança ainda que diga a verdade : « Que cousa será alimpada por um immundo ? E pelo mentiroso que verdade será dita ? » (Eccles. 34). Em quarto lugar o habito de mentir he a perdição da alma « O mentiroso mata sua alma », diz Salomão. (Sap. 1). « Senhor, diz o Psalmista, tu perderás a todos que proferem a mentira. » (Psal. 5). A mentira portanto pode ser peccado mortal.

147. He um peccado mortal mentir nas cousas que são de fé, e he o que succede aos prelados, aos pregadores, e aos mestres que não ensinão a verdade que tem por missão ensinar. Semelhante mentira he a mais grave de todas. « Tereis entre vós, diz o Apostolo S. Pedro, mestres mentirosos, que introduzirão na Igreja doutrinas funestas, e crimi-

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

nosas heresias. » (Petr. 2). Certos homens que tem missão de ensinar a verdade ensinão algumas vezes a mentira afim de parecerem doutos. A elles he que se dirijem estas palavras de Isaias : « De quem fizestes vós escarneo ? contra quem abristes a bocca, e deitastes a lingua fóra ? Por ventura não sois vós uns filhos malvados, uma geração maldita ? » (Isai. 57). Mente-se tambem alguma vez para offender ao proximo « Não mintaes uns aos outros, » recommenda o Apostolo. (Col. 3). E estas duas especies de mentira tambem são peccados mortaes.

148. A mentira tem o caracter de peccado venial quando não tem por fim ensinar o erro e offender ao proximo. Este genero de peccado pode ser commettido de muitas maneiras. Mente-se algumas vezes por excesso de humildade, e principalmente na confissão. A este respeito observa S. Agostinho que se o

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

homem deve guardar-se de calar o que fez, deve igualmente guardar-se de dizer o que não fez. » « A caso necessita Deos de vossas mentiras ? » Diz Job. (Job. 13). « Ha pessoas, diz o Ecclesiastico, que se humilham maliciosamente, e o seo interior está cheio de dolo ; e ha justos que se submettem excessivamente com uma profunda humilhação. » (Eccles. 19). Pode-se mentir por uma falsa vergonha, e he o que acontece, quando, depois de ter-se avançado alguma falsidade, adverte-se no erro, e tem-se vergonha de o retractar. « Não contradigas de modo algum a palavra da verdade, diz o Ecclesiastico, e confunde-te da mentira em que tenhas cahido por ignorancia. » (Ibid. 4). Pode-se mentir por interesse pessoal; he o que acontece quando se recorre á mentira para obter o que se deseja, ou para evitar o que se teme « Pozemos nossà esperança na mentira, e lhe pedimos a nossa salvação », diz-se em Isaías.

(Isai 28). « Aquelle que funda sua segurança na mentira, nutre-se do vento, » diz o author dos Proverbios. (Prov. 10). Pode-se mentir em vantagem de um terceiro, e he o que acontece quando se recorre á mentira para livrar alguém da morte, de um perigo, de uma desgraça. E ainda d'isto nos devemos guardar, segundo S. Agostinho. « Não faças accepção de pessoas contra a tua salvação, nem te deixes livrar para a mentira á custa de tua alma. » (Eccles. 5). Emfim pode-se mentir por brincadeira; mas convem abster-se de semelhante divertimento, porque o habito de mentir brincando, pode conduzir a mentiras serias, e fazer cahir em peccado mortal. « O feitiço das inepcias escurece o bem. » (Sap. 4).

Do Nono Preceito da Lei

149. « *Não cubiçarás as cousas do teu proximo.* » Ha esta differença entre a lei divina e a lei humana, que a lei humana julga somente as acções e as palavras, e a lei divina julga de mais os pensamentos, a razão disto he que o homem só considera as apparencias exteriores, ao passo que Deos vê no mesmo tempo o que está fora de nós, e o que se passa no intimo de nossa alma. « Deos de meo coração » diz o Psalmista. (Psalm. 72).

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

« O homem, diz-se no livro dos Reis, vê o que está patente, mas o Senhor olha para o coração. » (1 Reis 16). Temos fallado ate-qui dos preceitos relativos ás acções e ás palavras ; resta-nos por tanto fallar dos que são relativos aos pensamentos. Aos olhos de Deos a intenção he reputada como facto, e eis ahi porque nos prohibe que cubicemos as cousas alheias, depois de nos ter prohibido que as tiremos, e isto por muitas razões.

150. Primeira razão. A cubiça não conhece limites, seos desejos são infinitos. Ora, todo o homem sabio deve saber moderar-se e conter-se a proposito, ou antes ninguem deve internar-se em um caminho sem fim e sem sahida. » O avarento, diz o Ecclesiastico, nunca jamais sefartará de dinheiro.» (Eccl. 5). « Ai de vos, diz tambem o propheta Isaias vos que ajuntaes caza a caza, e hides accrescendendo campo a campo. » (Isai 5). E porque

são infinitos os desejos dos homens? Porque seo coração he destinado a receber a Deos. » Senhor, diz S. Agostinho, vós nos fizestes para vós, e nosso coração he inquieto, em quanto não descança em vós. » Por consequencia tudo que não he Deos, he mui pouca cousa paraprehender a immensidade de nosso coração; » só Elle he o que enche de bens o nosso desejo, » segundo a expressão do Psalmista. » (Psalm. 102).

151. Segunda razão. A cubiça priva-nos da felicidade, tirando-nos o socego. As pessoas cubiçosas são sempre atormentadas pela ambição de adquirir o que não tem, « e pelo temor de perder o que tem. « A fartura do rico he a mesma que ò não deixa dormir, » diz o Ecclesiastico. (Eccles. 5). « Onde está o teo thesouro, ahi está tambem o teo coração, » diz-se no Evangelho; (Math. 6). E por isso comparou Jesus Christo aos espinhos os cui-

dados que nascem das riquezas, como diz S. Gregorio.

152. Terceira razão. A cubiça tira toda a utilidade ás riquezas; o avarento priva-se a si mesmo e priva aos outros das vantagens da fortuna; elle só goza dos seus thesouros contemplando-os. « Ao homem cubiçoso e tenaz de dinheiro, diz o Ecclesiastico, de nada servem os bens. » (Eccl. 14).

153. Quarta razão. A cubiça aniquila a equidade. « Não acceiteis donativos, diz-se no Exodo, porque elles fazem cegar ainda os prudentes, e pervertem as palavras do justo, (Exod. 23). Aquelle que ama o ouro, diz o Ecclesiastico, não será justificado. » (Eccl. 31).

154. Quinta razão. A cubiça mata o amor de Deos e o amor do proximo. Mata o amor do proximo, porque, segundo S. Agostinho,

quanto mais cubigoso he um individuo, tanto menos caridade tem, e vice-versa; « Não desprezes pelo ouro a teu irmão muito amado, » adverte o Ecclesiastico (Ibid. 7). Mata o amor de Deos, porque segundo o Evangelho, assim como não se pode servir a dous senhores, assim também não se pode dar ao mesmo tempo o coração a Deos e ás riquezas (Math. 6).

155. Sexta razão. A cubiça conduz ás acções mais detestaveis; por quanto, segundo o Apostolo, ella he a fonte de todos os males. Se a cubiça pois domina o homem, ella o arrastra ao homicidio, ao furto, e a todos os crimes. E eis ahi porque diz S. Paulo em uma de suas epistolas a Thimoteo : « Os que querem fazer-se ricos cahem na tentação, e no laço do diabo, e em muitos desejos inuteis e perniciosos, que submergem os homens no abysmo da morte e da perdição. » (1 Ad.

Tim. 6). E cumpre notar que a cubiça he um peccado mortal, quando não he contido pela razão; mas he venial quando permanece em limites razoveis.

Do Decimo Preceito da Lei

156. « Não desejarás a mulher de teu proximo. » S. João nos diz que todos os bens d'este mundo não são mais do que objectos de concupiscencia para a carne, objectos de cobiça para os olhos, e objectos de ambição para o espirito. Assim todos os objectos dos nossos desejos estão comprehendidos n'estas tres divisões. Duas sortes de desejos são prohibidos por este preceito « Não desejarás a caza de teu proximo ; » a saber o desejo das

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

riquezas e o desejo das honras; o desejo de possuir a caza do proximo comprehende ao mesmo tempo estes dous desejos, estas duas paixões; a cubiça e a ambição. A gloria e a riqueza habitão em sua caza, » diz o Psalmista (Psalm. 111). Assim a idea da caza encerra na Escriptura santa a idea de riquezas e de honras, e o que deseja a caza de seo proximo he ao mesmo tempo cupido e ambicioso. Depois de ter prohibido a cubiça e a ambição, o Legislador supremo fôz prohibe a concupiscencia carnal. Tal he o sentido d'este preceito : « Não desejarás a mulher de teo proximo. » Mas depois da culpa ãe Adão nenhum mortal está ao abrigo da concupiscencia. Só o nosso divino Salvador e a gloriosa Virgem sua Mai conservarão uma pureza sem mancha. A concupiscencia algumas vezes he acompanhada de um peccado venial, outras vezes de um peccado mortal. He acompanhada de peccado mortal quando domina

o homem. « Não reine o peccado em vosso corpo mortal, » diz o Apostolo (Rom. 6); e não diz — não exista o peccado em vós; por quanto elle mesmo accrescenta. « Sei que o bem não habita em mim, » isto he, em minha carne.

157. Ora, o peccado reina na carne, primeiramente, quando a concupiscencia reina no coração e domina a razão. He por isso que o Apostolo, depois de ter dito : « Não reine o peccado em vosso corpo, » accrescenta estas palavras « De maneira que obedeção aos seos appetites. » « Aquelle que olhar para uma mulher cubiçando-a, já no seo coração adulterou com ella, » diz o Evangelho (Math. 5). Por quanto aos olhos de Deos a intenção he reputada como facto.

158. Em segundo logar, quando a concupiscencia se revela por palavras « Falla

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

a boca do que está cheio o coração, » diz ainda o Evangelho (Ibid. 12). « Não saia jamais da vossa boca uma só palavra má, » diz S. Paulo (Ephes. 4). Não poderiam portanto ser innocentes os que compõem cantigas vãs; he o parecer dos proprios philosophos, segundo os quaes devião ser expellidos das cidades os poetas que fazem versos amatorios.

159. Em terceiro logar quando a concupiscencia se revela por actos. « Offerecestes vossos membros diz S. Paulo, para que servissem á immundicia e á iniquidade, etc. (Rom. 6). Taes são os tres grãos da concupiscencia. Accrescentemos que se não evita este peccado sem difficuldade, e que he preciso lutar com coragem para subtrahir-se ao seo imperio : He um inimigo domestico que nos convem expellir da nossa caza. Ora, pode-se triumphar da concupiscencia de quatro maneiras.

160. Primeiramente devem-se evitar as occasiões exteriores; por exemplo, as más sociedades, as conversas criminosas, e em geral todas as seducções. Não detenhas teos olhos em ver a donzella, diz o Ecclesiastico, porque não succeda que a sua belleza te seja occasião de queda. Não lances os olhos por toda a parte pelas ruas da cidade, nem andes vagueando pelas ruas. Aparte os teos olhos da mulher enfeitada, e não olhes criminosamente para a formosura alheia. Por causa da formosura da mulher perecerão muitos; porque dahi he que se accende a concupiscencia como fogo devorador (Eccl. 9). « Acaso pode o homem, diz o author dos Proverbios esconder o fogo em seo seio, sem que ardão seos vestidos? » (Prov. 6).

161. Em segundo logar he preciso fechar o coração a todos os máos pensamentos, porque elle produzem a concupiscencia; e para

fechar o coração ás imagens importunas das voluptuosidades, he necessario recorrer ás mortificações. « Eu castigo meo corpo, e o reduzo á escravidão » diz o Apostolo (1 Cor. 9).

162. Em terceiro lugar, devemos fortificar-nos pela oração. « Se o Senhor não guardar a cidade, debalde vigiarão os que a defendem. » « Eu sabia, diz Salomão, que de outra maneira não podia ter continencia, se Deos não m'a desse. » « Esse genero de demonios, diz o Evangelho, não pode ser expellido senão pela oração e o jejum. » (Sap. 8). Com effeito, se dous adversarios estiverem em luta, e quizerdes tomar o partido de um contra o outro, ser-vos-ha necessario prestar soccorro ao primeiro, e procurar enfraquecer o segundo. Ora, entre o espirito e a carne ha uma luta continua; se quereis portanto que o espirito triumphe he preciso que lhe presteis soccorro, e he da oração que esse soc-

corro pode vir; he preciso ao mesmo tempo que enfraqueças a carne, e he pelo jejum que ella pode ser enfraquecida.

163. Em quarto logar, devemos entregar-nos com ardor assiduo ás occupaões piedosas. » A ociosidade he a mai de todos os vicios » diz o Ecclesiastico (Eccl. 33). « Qual foi o crime de Sodoma? pergunta Ezequiel; foi a soberba, a fartura de pão, a abundancia, e a ociosidade. » (Ezech. 16). Fazei sempre alguma cousa boa, diz S. Jeronymo, afim de que o demonio vos ache occupado. « Ora, entre todas as occupaões a melhor, sem contradicção, he o estudo das Escripturas sagradas. » Amai ó estudo das Escripturas sagradas diz ainda S. Jeronymo, e não amareis os prazeres sensuaes.

164. Tal he a explicação que tinhamos a dar d'estes dez preceitos da lei divina, d'esses

<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

preceitos augustos, cuja sublimidade e importancia Nosso Senhor mesmo nos fez ver, dizendo Se queres entrar na vida eterna, observa os mandamentos. » (Math. 21). Dois preceitos principaes resumem toda a lei, a saber — o do amor de Deos e do amor do proximo. O amor divino encerra tres sortes de deveres primeiramente elle impõe ao homem a obrigação de não adorar senão a Deos, e he o que se nos ordena n'este artigo da lei : Não adorarás deoses extranhos. » Em segundo logar impõe-lhe a obrigação de honrar a Deos, e he o que se nos ordena n'este artigo da lei Não invocarás o nome de teo Deos em vão. » Em terceiro logar impõe-lhe a obrigação de procurar o descanso em Deos, e he o que se nos ordena n'este artigo da lei Lembra-te de sanctificar o dia de Sabbado. » O amor do proximo encerra duas sortes de deveres; primeiramente elle impõe ao homem a obrigação de prestar a cada

um a honra que lhe he devida: « Honra a teu pai e a tua mãe. » Em segundo logar impõe-lhe a obrigação de não fazer mal a outrem, quer seja por acções, em sua pessoa, na pessoa que lhe he mais estritamente unida, e em seus bens « Não matarás, não cometerás adulterio; não furtarás, » quer seja por palavras: « Não dirás falso testemunho contra teu proximo; » quer seja enfim por pensamentos « Não cubiçarás os bens de teu proximo; não desejarás a mulher de teu proximo.

† Livros Católicos para Download

